ANNO XXIX — SEXTA FEIRA 9 DE SETEMBRO DE 1853. — N. 202.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PREÇO DA SUBSCRIPÇAO'.

Subscreve-se a 15$000 por anno, e 4$000 por quartel pago adiantado, e 4$500 por quartel pago vencido, na casa do seu proprietario, *M. Figueiroa de Faria*, na praça da Independencia, ns. 6 e 8, e no Rio de J. casa do Sr. João Pereira Martins.
Bahia « « « F. Duprad.
Maceió « « « Joaquim Bernardo Mendonça.
Parahiba « « « José Rodrigues da Costa.
Natal « « « Joaquim Ignacio Pereira.
Aracaty « « « Antonio de Lemos Braga.
Ceará « « « Guilherme Augusto de Miranda
Maranhaõ « « « Joaquim Marques Rodrigues.
Pará « « « Justino José Ramos.

CAMBIOS DE 7 DE SETEMBRO.

Sobre Londres 28
« Paris, 337
« Lisboa, 95 por cento.

METAES.

Ouro. — Onças hespanholas . . . 28$500 a 29$000
Moedas de 6$400 velhas . . . . . 16$000
« de 6$400 novas . . . . . 16$000
« de 4$000 . . . . 9$000
Prata. — Patacões brasileiros . . . . . 1$940
Pesos columnarios . . . . 1$940
« mexicanos . . . . 1$800
Acções do Banco . . . . 10 %
Desconto de Lettras . . . . . . 9 a 11 »

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Portugal	15 de Agos.	Austria	3 de Agos
Hespanha	8 de »	Inglaterra	8 de »
França	8 de »	Suissa	2 de »
Belgica	4 de »	Suecia	29 de Jul.
Italia	3 de »	E. Unidos	27 de »
Alemanha	3 de »	Mexico	16 de »
Prussia	3 de »	California	1 de Jun.
Turquia	26 de Jul.	Chili	12 de «
Russia	31 de »	Buenos-A.	23 de Jul.
Dinamarca	31 de »	Montevideo	24 de »

NOTICIAS DO IMPERIO.

Pará	13 de Agosto	S. P. do Sul	31 de Jul.
Maranhaõ	16 de »	S. Paulo	4 de Agos
Ceará	20 de »	Minas	2 de »
Parahiba	29 de »	R de Janeiro	25 de »
Alagôas	31 de »	Bahia	31 de »

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Victoria, nas quintas feiras.
Caruarú, Bonito e Garanhuns, nos dias 1 e 15.
Villa Bella, Boa-Vista, Exú e Oricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas.
Natal, quintas feiras.

DIAS DA SEMANA.

5 Segunda. S. Herculana M.
6 Terça. S. Libania V.
7 Quarta. S. Regina V. M.
8 Quinta. ✱✱ Natividade de SS. Virgem.
9 Sexta. S. Dorotheo M.
10 Sabbado. S. Nicoláo.
11 Domingo. O SS. Nome de Maria.

AUDIENCIAS.

Tribunal do commercio, segundas e quintas.
Relação' terças e sabbados.
Fazenda terças e sextas ás 10 horas.
Juizo de Orphaos segundas e 5. ás 10 horas.
Primeira vara do civel terças e 6. ao meio-dia.
Segunda vara do civel, quartas e sab. ao meio-d.

EPHEMERIDES.

Setembro 3 Lua nova as 9 horas, 21 minutos e 31 segundos da manhãa.
« 10 Quarto crescente as 6 horas, 37 minutos e 32 segundos da manhãa.
« 17 Lua cheia as 7 horas e 41 minutos e 24 segundos da manhãa.
« 25 Quarto mingoante as 8 horas, 12 minutos e 31 segundos da manhaa.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira ás 9 horas 18 e minutos da manhãa.
Segunda as 9 horas e 42 minutos da tarde.

PARTE OFFICIAL.

TRIBUNAL DA RELAÇAO'.

SESSÃO DE 6 DE SETEMBRO DE 1853.

Presidencia do Exm. Sr. conselheiro Azevedo.

As 10 horas da manhãa, achando-se presentes os senhores desembargadores Villares, Bastos, Leão, Souza, Rebello, Luna Freire, Telles, Pereira Monteiro e Valle, o senhor presidente declara aberta a sessão na fórma da lei.

Julgamentos crimes.

O habeas-corpus de João Tavares de Souza e outros, negaram a soltura.

Recorrente, o bacharel Leocadio Cabral Rapozo da Camara; recorrido, José Correa de Araujo Furtado.—Julgaram improcedente o recurso.

Recorrente, o juizo; recorrido, José Francisco Pereira Maia. Julgaram improcedente o recurso.

Appellações civeis.

Appellante, Antonio Fabião de Mendonça; appellado, Estevão José Paes Barreto.—Reformaram a sentença.

Appellante, Domingos Antunes Villaça; appellado, o juizo.—Reformaram a sentença.

Appellantes, o tutor e herdeiros de Antonio Martins Ribeiro; appellado, José Antonio Bastos.—Reformaram a sentença.

Appellante, Ignacio Nery da Fonseca; appellado, Domingos Caldas Pires Ferreira. — Confirmaram a sentença.

Appellante, Manoel Rodrigues Ferreira; appellado, Manoel Ferreira Lima.—Desprezaram os embargos.

Appellante, o juizo; appellado, Francisco Joaquim Pereira de Carvalho.—Julgaram provados os artigos de habilitação.

Diligencias.

Appellante, o juizo; appellada, a viuva de Manoel Lopes Machado.—Mandaram ouvir o Sr. desembargador procurador da corôa.

Appellante, João Chrysostomo da Camara; appellado, o juizo.—Mandaram ouvir o Sr. desembargador procurador da corôa.

Appellantes, os herdeiros de José Maria de Jesus Muniz; appellado, o juizo.— Mandaram ao curador geral e ao Sr. desembargador procurador da corôa.

Appellantes, a parda Rosa e sua filha Umbelina; appellados, Bernardo Gomes da Silva e outro.—Mandaram ouvir o curador geral.

Designações.

Appellante, D. Maria de Albuquerque Maranhão; appellada, a justiça.

Appellante, Pedro Moreira Braúna; appellado, o juizo.

Appellantes, Antonio Joaquim da Conceição, sua mulher e outros; appellados, Antonio Bezerra Cavalcanti e sua mulher.

Appellante, José Dias da Silva; appellado, Antonio Valentim da Silva Barroca.

Revisões.

Passaram do Sr. desembargador Villares ao Sr. desembargador Bastos as seguintes appellações em que são:

Appellante, José Joaquim da Silva Maia; appellados, a viuva e herdeiros de Antonio Ignacio da Rosa.

Appellante, Antonio de Aguiar Farias; appellada, Joaquina Maria da Luz.

Appellante, o juizo; appellada, Clara Joaquina de Oliveira Moura.

Appellante, Lino José de Castro Araujo; appellado, Caetano da Costa Moreira.

Appellante, Arcenio Fortunato da Silva; appellados, Antonio de Campos e outros.

Appellantes, a viuva & filhos de João Rodrigues Abrantes; appellados, Antonio Nogueira de Souza e sua mulher.

Passaram do Sr. desembargador Leão ao Sr. desembargador Souza as seguintes appellações em que são:

Appellantes, D. Luiza Maria da Conceição e outros; appellado, José Antonio da Costa.

Appellantes, Lourenço José de Figueiredo e sua mulher; appellados, Francisco de Paula Buarque e sua mulher.

Passou do Sr. desembargador Rebello ao Sr. desembargador Luna Freire a seguinte appellação em que são:

Appellante, o juizo; appellado, Luiz Rodrigues Sette.

Passou do Sr. desembargador Telles ao Sr. desembargador Pereira Monteiro a seguinte appellação em que são:

Appellante, a justiça; appellados, José Alves dos Santos e outros.

O conflicto de jurisdicção entre o juiz municipal de Catolé, e o juiz municipal da villa da Imperatriz.

Passou do Sr. desembargador Pereira Monteiro ao Sr. desembargador Valle a seguinte appellação em que são:

Appellante, D. Francisca Thomazia da Conceição Cunha; appellado, Henrique Gibson.

Passou do Sr. desembargador Valle ao Sr. desembargador Villares a seguinte appellação em que são:

Appellante, Francisco de Paula do Rosario; appellado, Braz Ferreira Maciel Pinheiro.

Levantou-se a sessão depois de hora e meia.

EXTERIOR.

A longa e laboriosa sessão do parlamento piemontez foi encerrada. Depois de oito mezes de trabalhos os senadores e deputados poderam separar-se levando comsigo a consciencia de terem utilmente empregado seu tempo em prol do bem publico e da honra das instituições, que seu paiz deve ao rei Carlos Alberto.

Não queremos com isto dizer que o todo de seus trabalhos possa ainda comparar-se com uma sessão do parlamento inglez, o qual, graças ás suas longas tradições, e á experiencia dos homens que o compõem, despacha em poucos mezes mais negocios e resolve maiores questões do que nenhum outro governo da Europa póde fazer no anno inteiro; todavia, he justo reconhecer que a ultima sessão do parlamento de Turin foi fecunda: pela sua sabedoria e pelo seu patriotismo o senado e a camara dos deputados mereceram bem do paiz, e contribuiram quanto podiam para satisfazer os interesses materiaes e moraes do mesmo, bem como para grangear-lhe a consideração dos estrangeiros.

Cento e vinte e quatro projectos de lei foram adoptados nesta sessão; dous sómente foram rejeitados e dezeseis que estão em estado de relatorio darão trabalho para os primeiros dias da sessão proxima. Este numero respeitavel prova não só a actividade das discussões, mas tambem o accordo que definitivamente não cessou de reinar entre o governo e as camaras. Cumpre além disto notar que o total das leis de interesse local ou privado, dessas leis que as camaras votam muitas vezes sem discussão, he comparativamente pouco elevado, emquanto que o das leis que tocam nos interesses moraes e a administração geral do paiz, á sua jurisprudencia ou a sua fortuna he consideravel.

Assim o codigo penal, o codigo civil e o codigo do commercio foram retocados, e postos em harmonia com os costumes e necessidades da época; grandes e sabios esforços foram feitos para introduzir mais unidade na administração das diversas provincias; o systema do imposto foi reformado em parte, e um emprestimo de dous milhões de francos de renda foi votado para restabelecer definitivamente o equilibrio nas finanças do estado, e fazer desapparecer as ultimas consequencias dos desastrosos annos de 1848 e 1849.

No ponto de vista economico e no das relações commerciaes do Piemonte com os estrangeiros, as camaras entraram de accordo com o governo na via liberal; a pauta das alfandegas foi largamente modificada, e já se póde provar pelo augmento da receita, pelo desenvolvimento dos negocios e pela prosperidade geral do povo, que o abandono do systema prohibitivo ha de produzir no Piemonte tão bons fructos, como deu na Inglaterra, e como daria em toda a parte. Quanto aos trabalhos publicos e a essas grandes emprezas de que depende hoje em dia a prosperidade de um paiz, nada foi desprezado; muitos caminhos de ferro foram concedidos, a telegraphia electrica recebeu largos subsidios, que lhe permittirão estender pela Corsega e Sardenha suas operações até a Alger e ao Egypto; sommas importantes foram votadas para completar a organisação do porto de Genova, e dar-lhe esses *docks* que nos faltam ainda em França; em fim a questão da navegação transatlantica, que nos tem parados, foi resolvida na ultima sessão do parlamento de Turin, e brevemente uma linha regular de paquetes á vapor unirá o porto de Genova ao de New York.

Tudo isto vai bem, porém não he o que mais nos toca. O que nos interessa sobre tudo, o que merece a attenção da Europa, he ver como o governo representativo, nascido no meio de vicissitudes extraordinarias, n'uma época de guerras e de perturbações, em um paiz que parecia estar bem pouco preparado para isso póde viver, estabelecer-se e prosperar.

Acolhido em seu nascimento por odios poderosos que o perseguem ainda com afinco, menosprezado por aquelles que criam seus interesses incompativeis com a existencia delle, calumniado pelos que temiam o exemplo e a visinhança da liberdade, abandonado pela fortuna das armas, e trahido pelos revolucionarios, os quaes em todos os tempos e em todos os paizes hão preferido sempre o despotismo que fornece pretextos para suas emprezas a um regimen de publicidade e de discussão, que só póde abrir carreira aos mais dignos, o governo constitucional do Piemonte tem passado nestes cinco annos por todas as provas a que póde ser submettido um governo; e nestes cinco annos não tem cessado de fortificar-se sem que nada tenha custado, nem á liberdade, nem aos principios conservadores da moral e da sociedade.

He sem violencia que elle ha sabido extinguir os fachos da discordia e comprimir os elementos de desordem que a explosão de 1848 lançára em seu seio mais do que em qualquer outra parte; he com honra e sem deixar a ninguem razão alguma para desconfiar da pureza de seus motivos, que elle ha podido manter o direito de asylo e protestar contra as violencias da Austria pelo principio do direito de propriedade.

Sem duvida póde-se attribuir parte destes felizes resultados ao merecimento do systema; mas a experiencia dos seculos nos ha ensinado que os systemas tem pouco valor por si mesmos, quando não acham homens capazes de pratica-los, e de faze-los produzir seus fructos.

Assim, para sermos justos devemos fazer remontar a mór parte dos beneficios que o Piemonte tem retirado do novo regimen á sabedoria do rei e do governo, á razão e ao patriotismo dos cidadãos que os tem sustentado em uma obra tão difficil. Neste ponto de vista todas as variedades da opinião tem direito que fazer valer, para reivindicarem alguma cousa da consideração que a attitude e conducta de seu paiz lhes grangea entre os estrangeiros. Os Piemontezes poderão, como era de seu direito, não concordar sobre o meio que se devia empregar para resolver todas as questões; porém nas circumstancias graves, como por exemplo no negocio do sequestro feito sobre os bens dos refugiados lombardos, deram um nobre espectaculo á Europa, mostrando todos os partidos mudos em roda do governo para defenderem juntos a honra e a dignidade do paiz.

(Journal des Débats.)

A Russia na China.

Se a attenção geral não estivesse concentrada sobre a Turquia, necessariamente se dirigiria para a China, na qual passam-se acontecimentos de grande importancia. Até ao presente a Inglaterra e os Estados-Unidos são as duas potencias que hão estabelecido com o Celeste Imperio as relações commerciaes mais extensas.

Um outro estado, a Russia, se esforça por conquistar tambem nessas regiões uma grande posição, que mais tarde poderá assegurar-lhe ahi tambem uma influencia preponderante. Potencia limitrophe da China, a Russia deve a sua situação vantagens particulares. Ella está na posse do tratado mais antigo com a China e de um commercio extenso. Só, entre todas as outras nações, ella entretem em Pekin mesmo uma missão, cujo caracter he ao mesmo tempo politico e religioso.

Desse lado da Asia, como do lado da Europa he a Pedro o Grande que pertence a concepção dos planos, de que os Russos se limitam hoje a procurar a execução. Pedro o Grande, querendo ligar a Russia da Europa ao Oceano Glacial e ao Oceano Pacifico, fundou estabelecimentos collocados de maneira que commandassem o curso dos rios, e entre outros Albazian no rio Amur.

O imperador da China apoderou-se por sorpreza deste estabelecimento, que ameaçava suas possessões de familia da Mantchouria, e levou todos os Russos para Pekin. Em consequencia destes acontecimentos concluio-se em setembro de 1689 em Nipchu o primeiro tratado entre a China e a Russia. Um segundo tratado foi assignado no reinado de Catharina em 14 de junho de 1728.

Segundo estas convenções a Russia abandonou á China o curso do rio Amur. O commercio entre estes dous paizes ficou restringido para os Russos a Kiakhta e para os Chinezes a Mai-Mai-Tchen. No tempo da feira os commissarios dos dous paizes fixam o valor respectivo das mercadorias, e o commercio se faz por trocas. Os Russos importam pannos, pelliças, couros curtidos, objectos de ferro e de aço, espelhos, camelões, velludos de algodão e opio da Turquia. Os Chinezes dam-lhes em troca chá, porcellanas, musco, ruibarbo, sedas, algodões e sedas gregas.

Sob pretexto de dar guias espirituaes aos descendentes dos Cossacos levados para Pekin em 1685 depois da tomada de Albazian, os Russos obtiveram por esses tratados a autorisação de estabelecerem uma missão em Pekin.

Esta missão composta de um archimandrita, o qual he o chefe, de tres outros padres, dous diaconos e quatro mancebos encarregados de estudarem o chinez e o mantchu só he mudada de dez em dez annos.

Chegada a época, o governador geral da Siberia Oriental nomeia um commandante, o qual com um inspector da bagagem dous interpretes e trinta Cossacos conduz uma nova missão para Pekin e traz a antiga. A missão de Pekin custa á Russia a somma annual de 65,000 fr. além dos gastos occasionados pela remessa dos correios e a conservação do convento de Candlemas e da igreja da Assumpção.

Ella he sustentada á custa do imperador da China, o qual lhe consagra a cada anno perto de 5,000 fr. e 9,000 libras de arroz.

O governo russo, tão altivo quando se crê chegado a seus fins, não hesita para consegui-los em submetter-se á mais modesta attitude. Por isso he que consentio em tratar com a côrte de Pekin por intermedio de uma secretaria que debaixo do nome de repartição dos negocios estrangeiros não he outra cousa senão um ministerio das colonias, tendo em suas attribuições tudo o que respeita aos paizes tributarios, de sorte que a Russia collocou-se na ordem dos paizes tributarios da China, e está inscripta nesta qualidade no livro do imperio. Mas ao passo que o governo russo aceita officialmente esta humilde posição, conserva entre os descendentes dos Cossacos agentes bem pagos, aos quaes a qualidade de Chinezes põe ao abrigo da espionagem das autoridades de Pekin, e a communhão de origem e de religião com os Russos torna mui proprios para servirem os interesses de sua antiga patria. Estes agentes são os verdadeiros intermediarios entre os dous governos.

Depois da guerra dos Inglezes contra a China, a posição commercial da Russia achou-se compromettida em consequencia da abertura dos portos de Amoy e sobre tudo de Shang-Hai ás trocas maritimas. Os Russos veem-se obrigados a vender por menos preço os tres quartos das mercadorias de importação, sem contar as sommas enormes que despendem em presentes distribuidos aos dignitarios de Pekin, os quaes gozam de inspecção sobre todo o commercio de Kiakhta. Para compensar estas perdas o consummidor russo paga o chá tres vezes mais caro do que custa ao consummidor inglez.

Negociações foram entaboladas em Pekin pela Russia para chegar á conclusão de um novo tratado. Ao mesmo tempo o governador da Nova-Arkhangel expedia o *Shelikoff* commandado por um capitão de marinha imperial para abrir o commercio directo com a China central em Shang-Hai mesmo; mas chegando a estação do opio de Shang-Hai, o *Shelikoff* vio-se obrigado a parar. O intendente do porto recusou ao capitão a autorisação de remontar o rio e fazer vendas e compras, motivando esta recusa sobre que o artigo 8 do tratado supplementar com a Inglaterra, pelo qual os privilegios concedidos aos Inglezes são estendidos a outras nações, cujo commercio era antigamente restringido a Cantão, não diz respeito aos Russos, os quaes nunca tiveram relações com esse lugar.

O capitão do *Shelikoff* limitou-se a fazer occultamente compras consideraveis de chá, e tornou a partir para Sitha. Desde 1848 volta todos os annos na mesma época, parando sempre na estação do opio, e compra chá como se fosse uma mercadoria de contrabando.

Parece que o governo russo conseguio em 1852 obter do imperador da China a abertura de um novo mercado para o commercio por terra entre os dous imperios. Esse mercado designado pelo nome de *mercado occidental*, em opposição a Kiakhata que fica sendo *mercado oriental*, está situado sobre o Irtysch no ponto em que este rio entra nas possessões chinezas, e se acha em communicação directa e facil com Tobolsk capital da Siberia Occidental. Este estabelecimento tem para a Russia grande importancia commercial e politica, e ha de tornar-se um lugar de deposito para a Siberia Occidental e Yarkand, assim como para Bouckara. Elle permitte aos agentes russos vigiarem Bouckara, Khiva, Koundour e Khokhand tão activamente do lado do nordeste, quanto esses paizes já o são no oeste pelos agentes estabelecidos sobre o Mar Caspio. Desse ponto o olhar dos Russos póde estender-se ainda mais facilmente até Lahore e Caboul.

O governo chinez dizem que se mostrou mais difficil a respeito da livre navegação do rio Amur. Elle não quiz ainda fazer á Russia esta concessão, a qual abriria a essa potencia as tres provincias da Mantchouria. Se a Russia obtivesse navegar livremente sobre o rio Amur, o Kanschatka e suas possessões americanas ficariam aproximadas mais de dous terços de Nertchinsk e de Irkutsk; Sitka adquiriria grande importancia commercial e estrategica sobretudo relativamente á California e a todo o Oceano Pacifico; os Russos emfim, partindo de Nertchinsk chegariam depois de terem percorrido a estrada interior fluvial do imperio chinez até Shang-Mai.

Parece-nos interessante publicar estes documentos, os quaes provam com que persistencia a Russia, sobre todos os pontos em que se mostra, procura executar os planos que deve ao genio do fundador do imperio. Vimos Pedro o Grande occupado em assegurar para si a livre navegação do rio Amur; agora tornamos a achar seu successor procurando aproveitar as circumstancias para arrancar esta concessão á côrte de Pekin. Mas depois de Pedro o Grande quanto não tem os Russos caminhado, tanto no extremo Oriente como no Occidente! Vemo-los dividir a Siberia em dous governos geraes; crear a companhia da America, que tem seu assento principal em Sitka e grande numero de feitorias; fundar correios nas ilhas Alentianas na Nova Arkangel e na ilha de Sitka, e manter nessas paragens uma frotilha de guerra; augmentar continuamente Tobolsk, Tomsk, Irkutsk, Slenghinsk dez leguas distante de Kiakta com 5,000 soldados; esforçar-se emfim, em todas as épocas por abrir relações com o Japão; tomar posse de todo o norte das ilhas Kurilas, e agora mesmo mandar sob pretexto de uma missão scientifica, uma expedição para seguir e observar nos mares do Japão a dos Estados-Unidos. *(Moniteur.)*

PERNAMBUCO.

COMARCA DE NAZARETH,

1.º de setembro de 1853.

Boas ferias tenho tomado, ou, antes dado aos seus leitores, a quem tenho poupado as massadas do costume por bons 15 dias. Pois fiquem sabendo todos que não ha que agradecer-me por esta taciturnidade, que he só devida aos habitantes da comarca, os quaes, durante esse periodo, se teem comportado de maneira a não dar lugar á bacharelice, á elles, portanto, cumpre dar-se os agradecimentos: o seu á seu dono.

Vendo, porém, que, se as cousas continuam por esta forma, dentro de pouco tempo perderei o uso de escrever, resolvi-me a traçar aqui estas linhas, e meter-me onde, talvez, me não chamem.

Em dias do mez passado, por aqui appareceu um empregado da repartição das obras publicas que, segundo ouvi dizer, veio tirar a planta da cidade, e notar, ou escolher o lugar mais proprio para um açude.

Não sei, nem posso dizer, como se haveria elle no desempenho do que lhe foi incumbido; mas posso asseverar que não teria pouco trabalho em andar pelas ruas da cidade, onde, além dos buracos, pedras, e escabrosidades, que se encontram em grande quantidade, ha vallas tão profundas, que mettem medo, as quaes, sobre difficultarem o transito dos que andam a pé, são perigosissimas para os cavalleiros, não poucos tenho eu visto precipitarem-se nellas, d'onde sahem bem convidados.

Entretanto, he pena que isto seja assim, visto como tem a camara, ou deve ter, dinheiro de mais para poder occorrer a esta, e a outras necessidades a seu cargo, no que sem duvida, não terá cuidado, por não se ter ainda podido desembaraçar das difficuldades que lhe legou a camara passada, como he corrente; mas, como o querer he poder, segundo diz o proloquio, estou que o seu presidente, zelloso como mostra ser dos seus deveres, em breve romperá por todas as difficuldades, para prover como deve e como se compromettêo por um juramento sagrado no acto de sua posse, sobre os melhoramentos materiaes do municipio.

Quanto ao açude, he elle de grande necessidade; oxalá que o governo provincial, deixando-se compenetrar da grande falta que temos d'agua, para todos os misteres, mandasse construir uma semelhante obra, que aliás me parece de pouco custo, attentas as boas localidades que ha!

Pelo inverno usa-se d'agua da chuva, mas pelo verão não ha outra se não a salobra, e impura de uma especie de cisterna, receptaculo e habitação ordinaria de quanto reptil immundo e nojento póde haver, a qual para mais pena sentir, he difficilima de obter-se, pela grande distancia de mais de mil braças em que se acha a dita cisterna.

Já que estamos em veia, vamos adiante: outros objectos ha de que muito carecemos, os quaes se não quizerem que sejam de primeira necessidade, ao menos serão de um interesse real e incalculavel: como bem seja uma cadeia, uma linha de correios, que nos ponha em communicação com as mais comarcas, e lugares da provincia, boas estradas, etc., etc.

Não tenho a ridicula pretenção de querer ser o representante do municipio; mas, se fôra, eu faria valer o bom direito que lhe assiste, para reclamar estas vantagens, que se não pódem tachar de exageradas, visto como muito attendivel deve ser um municipio que conta, como ha pouco veriquei, 160 engenhos de fazer assucar.

Nada mais redicúlo, do que a chamada cadeia d'aqui: figure-se um quartinho de vinte palmos de largo sobre trinta de cumprido, em um pardieiro velho, e cahindo em ruinas, e ter-se-ha a cadeia da cidade de Nazareth!..

As mais precisões, que apontei, são tão palpitantes que não carecem de demonstração alguma: basta dizer, quanto a primeira, que vivemos quasi isolados e sem noticias do resto da provincia, sendo que até o *Diario de Pernambuco* custa a chegar aqui: e quanto a segunda, que pelo inverno o transito para a capital quasi que se intercepta pelo máo estado em que ficam os caminhos.

O capitão Camisão sahio d'aqui com parte do destacamento em 23 do mez, que hontem acabou-se, recolhendo-se hoje: dizem que fôra por ordem de S. Exc o Sr. presidente da provincia, percorrer varios lugares da comarca de Goianna; nada sei relativamente a sua marcha, se não que foi bem recebido por onde andou.

Reuniram-se os jurados no dia 26; porém não podendo haver casa, por falta de n. legal, foi-lhes marcado o dia 29, para de novo se reunirem. Neste dia, tendo comparecido em numero legal, depois de formado o jury de sentença foi submettido ao seu conhecimento o processo de Pedro Ambrozio, accusado de homicidio: foi absolvido.

No dia 30, foi submettido a novo julgamento o escravo Antonio, accusado igualmente de homicidio, sendo seu defensor o Sr. Florencio José Carneiro Monteiro, que se houve com summa habilidade e interesse em prol do seu cliente, que não obstante, foi condemnado no grão minimo do artigo 193, do codigo criminal, cuja pena foi-lhe commutada em 1,200 açoutes na forma da lei.

No dia 31, foi submettido ao conhecimento do jury o processo de dous soldados « os unicos reponsaveis pelos acontecimentos da noite de 27 de mez de abril proximo passado! » foram absolvidos.

Hoje finalmente foi absolvido em segundo julgamento, Manoel Pereira de Moraes, tambem accusado de homicidio.

Não sei se foram justas ou injustas, as decisões proferidas pelo jury; só sei he que, se foram injustas, não devem ser carregadas só á conta dos pobres jurados, como de ordinario se costuma.

Ha aqui uma historia de convicção, contra a qual altamente se pronunciou o Sr. Carneiro Monteiro, e se hão de pronunciar todos os que fizerem uma verdadeira idéa do que he convicção, e do que he julgar por convicção: as autoridades processantes, ou porque gostem de andar pelo caminho mais curto, ou seja lá porque fôr, não se matam muito com a acquisição das provas, bastando-lhes só as que são necessarias para a pronuncia, e depois.... os jurados que julguem por convicção de um facto, de que muitas vezes só tiveram noticia pela leitura, que se faz do processo; nanja eu.

Acha-se aqui o aleijado Manoel de Jesus Ferraz, e vai dar-nos a primeira representação de suas raras e difficultosas habilidades, no domingo 4 do mez que hoje principiou.

A salubridade vai bem.

A farinha conserva-se entre 26 e 32 patacas o alqueire; o feijão entre 32 e 36 a mesma medida; o milho a 10 patacas, idem; a carne entre 7 e 10 patacas a @. X.

(Carta particular.)

COMARCA DE SANTO ANTAO'.

Victoria 5 de setembro de 1853.

Ha muito que não me dirijo a Vs. Ss., em razão de nada por aqui haver digno de se dar publicidade, ao menos que tivesse chegado ao meu conhecimento, agora, porem, grassou por aqui uma noticia, que levo ao conhecimento de seus leitores para que não chegue ahi desfigurada:

O commandante superior da guarda nacional deste municipio, Manoel Thomé de Jesus, levou ao conhecimento do subdelegado do primeiro districto da Escada, o major Candido José Lopes de Miranda, e este ao do delegado deste termo, que alguns escravos dos engenhos Gurjaú de cima, Coimbra e d'outros engenhos visinhos, pretendiam evadir-se no dia sabbado 3 do corrente; á vista de tão grave noticia, principalmente para o mato, onde os recursos faltam, alguns proprietarios reuniram uma força, em cujo numero entrou o tenente-coronel Henrique Marques Lins, com 40 homens sustentados e municiados a sua custa, a disposição do dito subdelegado para esta autoridade acudir as occurrencias, que tivessem lugar; felizmente porém, no dia assignalado não appareceu o acto, talvez por ter sido descoberto; nem por isso se devem abandonar as cautelas, visto que uma grande parte dos escravos dos ditos engenhos, se acham insubordinados, e por sorpreza podem fazer algum mal.

Em parte he bom que appareçam destas cousas, á fim de que alguns senhores de engenho emperrados e que se queixam de ter-se acabado com o trafico dos escravos, convençam-se de que elle he um mal, e que ha mais tempo devia ter-se acabado, e que cada um de seus escravos he um inimigo que elles tem, e que estão promptos a feri-los na primeira occasião que se lhes offerecer, e que o Brasil com escravos jamais póde prosperar e chegar a seu alto destino.

Nada mais sei de extraordinario.

A farinha, apezar de concorrer bastante no mercado, ainda conserva o preço de 36 a 40 patacas o alqueire, o milho e o feijão estão a preços mais commodos, e o mesmo a carne, que tem regulado a 8, e a 10 patacas a @.

Saúde com felicidades lhes deseja o seu constante leitor o

Victoriense.

(Idem.)

DIARIO DE PERNAMBUCO.

O trigesimo primeiro anniversario da nossa independencia politica foi ante-hontem (7) solemnemente festejado com a parada da costume, e cortejo a effigie de S. M. o Imperador. Tanto na noite daquelle dia, como na vespera foram as ruas da cidade percorridas pelas bandas de musica militar existentes: salvaram e estiveram embandeirados os vasos de guerra surtos no porto, assim como as fortalezas; e houve espectaculo no theatro de Santa Isabel, que foi bastantemente concorrido.

COMMUNICADO.

O discurso que abaixo segue, e o que foi dado ao prelo em o n. 197 deste *Diario* no dia 2 do corrente, especialmente publicados a pedido nosso, nos parece um bello e sufficiente protesto do seu estimavel autor, o Sr. deputado Augusto Frederico de Oliveira contra o juizo precoce, despeitoso e só fundado na malignidade dos seus adversarios politicos. He a exhibição franca e vigorosa, patriotica e decente dos intimos sentimentos do Sr. Augusto Frederico de Oliveira sobre alguns topicos dos negocios publicos do seu paiz, que se deve considerar tratados por elle sem a sobre-capa das conveniencias pessoaes, pois he bem sabido que esse joven Pernambucano não precisa dos sobre-ecos do governismo, para fruir uma posição de respeito e de repouso; he uma exhibição, repetimos, de anhelos nobres e de pura convicção, que tem por fito a causa publica e não um partido; o testemunho irrecusavel de que S. S. não abafou seus bons desejos para tornar-se écho das influencias ministeriaes, como presuppunham sordidamente os invejosos de sua carreira politica, dos seus avanços de popularidade e discernimento; a prova emfim, de que quem quer póde, quem lida alcança.—Os que o julgavam inhabil para esforços intellectuaes devem agora confessar-se enganados:—e não só isto!—Os que o tinham como imberbe para encetar, progredir e figurar na vanguarda d'uma opinião que se debatesse contra o poder, estes devem morder a terra desesperados sob o peso de sua propria maledicencia, sabendo que esse Sr. Augusto Frederico de Oliveira, esse Pernambucano, que lhes inspirava tanto desconceito e desprezo, faz uma figura brilhante na camara temporaria, que ahi não he elle uma praça de reserva; que tem estabelecido sua reputação, preenchido sua missão, honrado sua provincia, satisfeito seus amigos e fixado sobre si o olhar do Brasil.

Congratulemo-nos pela dedicação toda patriotica do nosso comprovinciano.—Honra lhe seja dada.

Nunca, nunca desconfiamos do desenvolvimento logico do nosso patricio: sempre esperamos no seu futuro, porque cremos de coração que quem trabalha alcança, e sabiamos que o Sr. Frederico Augusto de Oliveira tem muito bom desejo de prestar a sua patria; que infatigavel, estudioso e dedicado havia de mostrar-se apto e digno do sublime sacerdocio da liberdade e da ordem; que se havia collocar todo entre a lei e o arbitrio, e Brasileiro completo em seus pensamentos, não riscaria jamais do coração que o era, porque he Pernambucano.

Mas nós eramos muito pequeno, muito obscuro, muito fraco para esgrimir sobre a capacidade do nosso amigo; esperamos o seu proprio testemunho, elle o tem dado, e nós temos procurado pela vulgarisação dos assignantes do *Diario de Pernambuco* communicar o seu triumpho, e ratifica-lo no conceito das massas populares, por quem elle se consagra ás lides da causa constitucional, e por quem ha libado amargos calices.

Convidamos portanto a imparcialidade do publico para apreciar a analyse completa do seguimento dos negocios do ministerio da marinha percorrido sem azedume, mas sem descuido pelo illustre deputado pernambucano.

Talvez sejamos hoje indifferentes; porém a historia julgará sem preconceitos.

Recife 4 de setembro de 1853. *J. B. de Sa.*

Sessao' de 16 de agosto.

O Sr. Augusto de Oliveira: — Sendo o objecto que prende actualmente a attenção da camara todo o orçamento envolvendo tanto a receita como a despeza, deve ser considerada esta discussão a mais transcendente de todas aquellas que são submettidas á deliberação do corpo legislativo.

Trata-se, Sr. presidente, de se determinar definitivamente todas as despezas do Estado a cargo dos seis differentes ministerios, assim como de decretar-se todos esses immensos sacrificios que tem de serem arrancados ao povo, afim de satisfazer-se a todas aquellas mesmas despezas. Se em qualquer circumstancia tendo eu de emittir um juizo imperfeito sobre qualquer materia, eu sinto que me faltam os conhecimentos necessarios, e a sufficiente capacidade (*não apoiados*), declaro a V. Ex. que não me julgo hoje com forças para vencer todas as difficuldades com que tenho de lutar para discutir mesmo muito ligeiramente este projecto tal qual se acha redigido, tendo elle soffrido uma tão grande metamorphose na segunda discussão, addicionando-se-lhe outros tantos novos projectos debaixo da capa de artigos additivos ou emendas; metamorphose tal, Sr. presidente, que, desfigurando inteiramente o caracter original da lei do orçamento, tornou-a monstruosa, transformando-a em uma especie de barca de vapor que conduz ao ministerio todos os thesouros do Estado por meio de autorisações illimitadas, indefinidas, sem serem convenientemente estudadas, e preterindo-se todas as formulas constitucionaes consagradas no nosso pacto fundamental para a adopção de medidas legislativas.

A camara sabe, Sr. presidente, que pela nossa constituição todos os projectos de lei devem soffrer tres discussões, menos aquelles que são considerados propostas do governo, entretanto que materias que debaixo do nome de artigos additivos foram addicionadas ao actual projecto, tem de ser transformadas em leis, preterindo-se aquelle preceito constitucional, o que me parece uma extraordinaria innovação.

(*Ha um aparte.*)

Diz o nobre deputado que não he innovação, mas permitta-me que lhe diga que nunca vi a lei do orçamento enxertada com uma alluvião de tantas autorisações como este anno; o anno passado por occasião da segunda discussão da lei do orçamento um illustre membro da maioria requereu que todos os artigos additivos então offerecidos fossem adiados e remettidos a uma commissão afim de os apresentar em projectos separados. A nobre e illustrado maioria torna-se hoje inconsequente com os seus principios, que já não são os mesmos de outr'ora; porém eu não estou disposto a ser contradictorio, já que o anno passado votei por aquelle requerimento de adiamento.

Uma Voz: — Não propoz tambem neste anno algum additivo?

O Sr. Augusto de Oliveira: — Propuz, porem não estou em contradicção com os meus principios porque essa medida por mim proposta he daquellas que cabem propriamente no orçamento e notarei que a lei do orçamento sendo uma lei annua só póde admittir artigos additivos, cuja materia tenha perfeita connexão com a de sua propria natureza.

Porém, senhores, deploro que a nobre maioria queira commetter este anno um abuso tão grande; mas não admira, porque parece que a nobre maioria hoje não acha conveniente o que hontem parecia dictado pela razão. A nobre maioria não cal-

FOLHETIM.

FERNANDO DUPLESSIS.

OU

MEMORIAS DE UM MARIDO. (*)

POR EUGENIO SUE.

SEGUNDA PARTE.

IV

Novembro de 1832.

Reunamos nossas lembranças.

Os diversos acontecimentos deste dia perturbam-me o espirito; calma e sangue-frio; deixemos de loucos enlevos, reflictamos maduramente, a circumstancia he grave!

Esta manhãa Dupin entrou no meu quarto mui contente, dizendo-me:

— Fallei com o porteiro, elle consente no que o senhor deseja; sómente, como teme perder o lugar, pede ao senhor que diga a essa mulher, para explicar sua chegada junto della, que enganou-se com a casa, e que, achando a porta aberta e não vendo ninguem, subio... para...

— Muito bem! Sei o que hei de fazer... E serei então prevenido da chegada dessa mulher?

— Sim, senhor, ella costuma chegar das dez para as onze horas.

— Esperei esse momento com impaciencia. Pelas nove horas vi entrar Dupin com um ar mysterioso e embaraçado, elle entregou-me um bilhete, dizendo-me:

— Receio que os projectos do senhor sejam contrariados; a pessoa que trouxe esta carta voltou dizendo-me, como de costume, « que não tinha resposta. »

Reconheci a lettra de madama de Meligny, abri a carta e li:

« Mande abrir a portinha do jardim, ahi estarei ás onze horas.

Não havia nenhuma communicação entre o pateo e o jardim da casa que eu occupava, de sorte que entrando pela portinha do jardim, e dahi para o meu quarto, Eglé não corria risco de ser vista, nem pelo porteiro, nem pela gente da estribaria, que teria podido encontrar no pateo.

O annuncio da visita de madama de Meligny tornou-me um momento bastante perplexo. Ella podia fazer-me perder a occasião de penetrar um mysterio, que excitava vivamente minha curiosidade; mas, depois de um momento de reflexão, escrevi estas palavras:

« Minha querida Eglé, um negocio tão imprevisto quanto importante obriga-me a sahir esta manhãa, espero estar de volta antes de sua chegada; em todo o caso tenha a bondade de esperar-me alguns instantes. Mil saudades, e até logo. »

Fechei este bilhete, colloquei-o sobre a chaminé do salão em lugar visivel, e disse a Dupin:

— Fecha, segundo o costume, o lado do pateo, fica na antecamara, e se vier alguem procurar-me, dize que sahi; deixa sómente aberta a porta do salão, que communica com o jardim.

Confiado na exactidão habitual do meu camarista, fui depois disto para a casa vizinha, dei ao porteiro os dez luizes promettidos, pedindo-lhe que me deixasse subir a uma das aguas furtadas da casa, aonde eu esperaria que ella me fosse annunciar a presença da desconhecida. Elle consentio, e conduzio-me para um quarto alto donde se descobria o meu jardim. Espreitei a chegada de madama de Meligny. Pelas onze horas ouvi o rodar de uma carruagem a qual parou. Era a desconhecida, ou era Eglé?

Era esta. Eu vi-a empurrar brandamente a porta entreaberta, correr-lhe o ferrolho, e depois dirigir-se rapidamente para o poial do salão, no qual entrou.

Não obstante ser nos fins de novembro, o céo estava sereno e o sol brilhava como na primavera. Pouco depois vi madama de Meligny tornar a sahir da sala aonde havia deposto sua manta e seu chapéo; trazia na mão o meu bilhete, o qual despedaçou com um ar pensativo, percorrendo lentamente uma das avenidas do jardim.

O porteiro veio então advertir-me da chegada da desconhecida. Segui-o, e, descendo ao primeiro andar, abri brandamente a porta da sala que elle me indicou, na qual estava a desconhecida. Vi uma mulher de um talhe completo, a qual dava-me as costas e estava encostada ao cotovelo sobre o batente da janella; parecia tão absorta na contemplação do que observava atravez da gelosia fechada (sem duvida o passeio de madama de Meligny) que não percebeu logo minha chegada; todavia ao rumor de meus passos sobre o assoalho voltou-se repentinamente e reconheci... Cesarina!

Cesarina... a mulher de Jacintho, casada em segundas nupcias com o rico banqueiro americano, Mr. Jefferson!

— Fernando! exclamou ella com um acento de sorpreza, de amor, de alegria, que me comoveu até ao fundo do coração; depois desfallecida, e parecendo abatida pela emoção, cahio na poltrona que estava junto, e, cobrindo o rosto com o lenço, desfez-se em lagrimas.

Tal foi o meu pasmo, que fiquei um momento immovel, estupefacto e incapaz de pronunciar uma palavra; mas immediatamente lembrei-me da morte de Jacintho, do meu juramento de casar com Cesarina, e da minha indigna conducta, quando sabendo que ella era mãi, escrevi-lhe friamente « que estava prompto para cumprir um *dever*, ou assegurar o futuro de seu filho » proposição que ella repellio com esta resposta de um desprezo esmagador:

« *Guarde o seu dinheiro, o senhor não ouvirá mais fallar em mim nem no meu filho!* »

Com effeito eu não tinha ouvido mais fallar em Cesarina, sómente vim depois a saber do seu novo casamento com um Americano poderosamente rico, e d'então para cá ignorava absolutamente o que era feito della.

Assim se desvanecia esse mysterio, que tantos cuidados me dava desde a vespera!

Achava-me em presença de uma antiga amante com a qual tinha feito o juramento de casar-me, juramento illudido por mim sem embargo de haver sido recebido por Jacintho morrendo... morrendo da terrivel dor que lhe causava minha traição e a infidelidade de sua mulher!

Nesse momento minhas impressões participavam dessas diversas reminiscencias do passado. Vendo essa mulher outr'ora tão ardentemente amada, eu lembrava-me de sua embriagante formosura, tinha consciencia e vergonha de minhas faltas; emfim, remorsos tardios. Eu perguntava a mim mesmo com angustias o que era feito desse menino... o filho de nosso amor!

Além disto eu ignorava a sorte do novo casamento de Cesarina, e ignorava tambem com que fim ella vinha assim espiar-me todas as manhãas atravez dessa gelosia fechada, que dava para o meu jardim, aonde nesse instante mesmo acabava de entrever sem duvida madama de Meligny.

Este cahos de lembranças, saudades, remorsos, duvidas e inquietações perturbava-me de tal maneira o espirito, que immovel diante de madama Jefferson, a qual continuava a estar assentada com o rosto coberto com o lenço, eu não achava uma palavra para dizer-lhe; cousa inexplicavel, o que me dominava todos os mais pensamentos, por graves que fossem, era a impaciente curiosidade de saber se Cesarina ainda era formosa, porque meus olhos apenas se tinham fitado um instante sobre ella na meia escuridão da sala.

Minha curiosidade foi logo satisfeita. Madama Jefferson deixou cahir as mãos sobre os joelhos, ergueu a cabeça, e voltando-se para mim disse-me com um acento de terna e dolorosa reprehensão, e com o rosto banhado em lagrimas:

— Que... Fernando!... nem uma palavra... nem uma palavra!

No tempo do meu rompimento com a viuva de Jacintho eu a tinha deixado pallida, emmagrecida pelas magoas e vestida com o lugubre trage do luto; principalmente debaixo deste ultimo aspecto he que ella havia permanecido presente ao meu espirito. Agora eu tornava a ver Cesarina no soberbo esplendor de uma formosura mais deslumbrante do que no principio do nosso amor: nada era mais transparente do que sua tez rosada posto que levemente descorada pela emoção; eu tornava a achar em seus grandes olhos azues, humidos de lagrimas, essa languidez abrazadora que dava ao seu olhar um attractivo irresistivel; seus labios de purpura precedidos de um leve buço trigueiro e entreabertos pelos suspiros precipitados deixavam perceber seus dentes de perola, seus bastos cabellos negros cahiam-lhe em longos anneis quasi até ao collo, e seu mimoso semblante resahia como um camafeu antigo entre essa mata de cachos de ebano; a ligeira gordura que lhe arredondava o roupinho, longe de prejudicar a elegancia de seu talhe delgado, fazia-o parecer ainda mais esvelto; emfim que direi, no tempo de seu casamento com Jacintho, o qual vivia do ordenado de seu emprego, e de uma pequena pensão vitalicia, Cesarina vestia-se sempre com muita simplicidade, e agora eu a encontrava com um elegante e rico trage de manhãa, que realçava mais sua radiante belleza; bateu-me o coração, e mil lembranças amorosas passaram-me pelo pensamento. Eu contemplava madama Jefferson com uma admiração muda e apaixonada.

— Que! Fernando, me havia ella dito, nem uma palavra!

— Oh!... uma palavra... uma só! exclamei eu emfim lançando-me a seus pés, e esta palavra he *perdão*...

Depois cedendo a um enternecimento inexprimivel, acrescentei cobrindo-lhe as lindas mãos de lagrimas e beijos:

— Sim, uma só palavra, *perdão!*... uma só pergunta: *E nosso filho?*

Cesarina apertou-me convulsivamente a cabeça contra seu seio palpitante, e respondeu-me soluçando:

— Morreu!

— Morreu! exclamei eu chorando tambem, morreu!...

— Ao nascer, murmurou ella desfazendo-se em lagrimas.

Inexplicavel contradicção do coração humano! Quando em outro tempo Cesarina radiante disse-me que era mãi, em vez de participar de sua alegria, experimentei um sentimento pezaroso e desconfiado; temia que autorisando-se de sua maternidade, ella exigisse desde então com dobrado direito o cumprimento desse casamento promettido por mim debaixo da fé do juramento a Jacintho moribundo; esta apprehensão foi uma das causas do meu indigno rompimento com Cesarina, e todavia Deos he testemunha de que no momento em que ella chorava a morte desse infeliz menino, eu tambem o chorava amargamente.

Repentinamente madama Jefferson tomando nas mãos minha cabeça inclinada sobre seus joelhos, levantou-a, e fitando em mim seus grandes olhos humidos de lagrimas, disse-me com um acento apaixonado:

— Choras a nosso filho!! Então tu me amavas muito?...

— Se te amava, Cesarina!... Ah! eu t'o affirmo pelos meus remorsos, pelas minhas pesquizas sem numero para te achar!... Se te amava, meu Deos! Parece-me que nunca deixei de amar-te... Eu te amo mais extremosamente do que nunca... Vê minhas lagrimas... sente as pulsações de meu coração.....

— Tu me amas ainda!

— Com ebriedade!... com adoração!

— Meu Fernando... eu sou viuva!

(Continuar-se-ha.)

(*) Vide *Diario* n. 201.

culou bem os perigos de um semelhante proceder, e sem attender para as vicissitudes deste mundo, não se lembra que talvez esteja preparando uma camara enriquecida de tantos adornos para uma noiva que não conhece, e que talvez lhe seja bem adversa...

Uma Voz:— Eu respondo por isso.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Todos esses perigos são imminentes e nos ameaçam, se esta lei tiver de ser executada por um governo que pertença á opinião politica adversa; e quem será responsavel por todas as fataes consequencias que d'ahi resultarem senão a nobre maioria? Pela minha parte faço estas poucas considerações como um protesto contra semelhante abuso, que julgo ser uma verdadeira infracção á constituição; e se o meu voto tivesse preponderancia na casa eu reproduziria medida igual á que propoz no anno passado e sustentou na tribuna o nobre chefe da actual maioria o *leader* da camara...

Uma Voz: — Quem he elle?

O Sr. Augusto de Oliveira: — O Sr. presidente da provincia da Bahia. Mas, dizia eu, se o meu voto tivesse valor na camara eu proporia essa medida pela qual conscienciosamente votei no anno passado; mas como sei que uma medida, por mais santa que seja, quando proposta por mim perde todo o seu merito, tornando-se sacrilega (*não apoiados*); assim aconteceu com uma emenda apresentada pela deputação de Pernambuco relativa ao melhoramento do porto daquella provincia, a qual foi rejeitada tendo-se approvado outras não de tão palpitante interesse para outras provincias...

Uma Voz: — Votaram-se 60:000$000 para essa obra.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Achando-me pois, Sr. presidente, como disse, inhabilitado para poder discorrer convenientemente na presente discussão conjuntamente a respeito de todos os diversos e variados pontos do projecto que se discute, e quando eu me dispuzesse a lançar mão de todos os recursos de minha apoucada intelligencia para formular um juizo muito imperfeito e incompleto sobre esse projecto monstro, sendo-me para esse fim necessario não só uma sessão como duas ou tres, não me embarcarei em uma empreza tão ardua, limitando as minhas toscas observações sómente áquelle ministerio que me parece ter sido menos regular e menos feliz na sua marcha administrativa, isto he, ao ministerio da marinha.

Preenchida esta primeira parte do meu discurso, aproveitar-me-hei da occasião para dar uma breve resposta ás explicações que o nobre ministro da marinha se dignou dar ás duas interpellações que eu tive a ousadia de dirigir ao governo, tendo tido S. Ex. a bondade e delicadeza de qualificar aquellas interpellações de temerarias, audaciosas e pouco decentes. Se bem fosse eu por tal fórma appellidado pelo nobre ministro de audaz, temerario e indecente, todavia na resposta que tenho de lhe dar tratarei de captar a benevolencia da camara, abundando sempre naquella mesma moderação de que nunca me hei apartado nesta tribuna, e se por acaso for desviado deste meu proposito por apartes que se me dirijam, eu procurarei permanecer nessa posição que tenho desenhado, procurando só mostrar que semelhantes epithetos, que por inconvenientes não assentam bem em membro nenhum desta casa, quando por ventura fossem admittidos, talvez podessem ser melhor applicados em quem os proferio, do que no individuo a quem foram dirigidos. (*Reclamações.*)

Uma Voz: — Isso he que he moderação.

O Sr. Augusto de Oliveira: — Embora, Sr. presidente, o nobre ministro não se houvesse dignado dar resposta alguma ás diversas considerações que eu tive a honra de submetter ao criterio da casa na segunda discussão do orçamento da marinha, entendendo talvez S. Ex. que não deveria gastar toda a sua eloquencia afim de procurar desvanecer as duvidas que existiam em meu espirito contra os negocios relativos á sua repartição, já que a minha benignidade ao actual ministerio, a quem faço decidida opposição, he tal que não desejo negar-lhe os meios sufficientes para acudir ás necessidades indeclinaveis do serviço publico; todavia, julgando eu muito honrosa a tarefa de qualquer representante da nação que, tratando-se da distribuição dos dinheiros publicos, procura averiguar se a applicação que se destina ao sangue do povo he justa e altamente reclamada pelos interesses do Estado, não desanimo no intento que formei de examinar os negocios relativos ao ministerio da marinha, cabendo-me hoje terminar algumas reflexões que não pude concluir naquella occasião, em consequencia da hora adiantada em que fallei. Não sendo levado nesta occasião senão pelo desejo de dar fiel cumprimento a deveres de membro deste parlamento, de bom grado me resigno á triste condição de ver talvez minhas observações desprezadas na casa pelo nobre ministro, porém devidamente consideradas em algumas correspondencias ou communicados, insertos na folha official do governo, elaboradas por S. Ex. ou por alguma penna assalariada, cobrindo-me de improperios; esta he a moderação e a justiça da politica conciliadora do gabinete!

As minhas observações por occasião da primeira discussão do orçamento da marinha versaram sobre a secretaria de estado, quartel-general, corpo da armada, de imperiaes marinheiros, e batalhão naval; V. Ex. me permittirá que ainda accrescente breves reflexões ácerca do batalhão naval, porque na ordem das innovações he, como ja disse, o padrão de gloria da administração do nobre ministro.

Eu tive a honra de ponderar á camara alguns inconvenientes que enxergava no regulamento expedido por S. Ex. para este corpo; mostrei que a falta de aspiração para os soldados era um grave inconveniente; porquanto um sargento que se julgar com titulos a subir a outros postos, necessariamente ha de procurar passar para o exercito, onde as regras estabelecidas são mais favoraveis, approximando-se mais do preceito constitucional que garante a todo o cidadão brasileiro o direito de aspirar a todos os cargos civis ou militares, tendo-se só em vista suas virtudes e serviços.

Agora chamarei a attenção do nobre ministro para o art. 22 do seu regulamento, pelo qual S. Ex. isenta as praças desse corpo da baldeação e outros serviços a bordo dos navios. Parece-me que esta disposição do regulamento he inteiramente contraria as regras adoptadas em todas as marinhas, as quaes exigem que todas as praças a bordo dos navios concorram para a limpeza dos mesmos navios; he isto o que se nota tanto na marinha ingleza, como na franceza e na dos Estados-Unidos; esse mesmo corpo inglez (*royals mariners*) de que em outra sessão tratei, que aliás goza de privilegios que o nobre ministro não dá ao seu batalhão naval no referido regulamento, não he isento de semelhantes serviços de limpeza a bordo dos navios. E note-se que isto se dá na marinha ingleza, onde as tripolações dos navios estão sempre completas, quanto mais na nossa onde as tripolações nunca se acham completas. Demais, esta differença de serviço vai estabelecer uma especie de ciume na tripolação dos navios; he uma desigualdade que o nobre ministro foi estabelecer entre o imperial marinheiro e o soldado do batalhão naval, o que me parece muito e muito prejudicial.

Tambem pedirei licença a V. Ex. para insistir em uma idéa já emittida na casa; fallo da inconveniencia da remoção do quartel do batalhão naval para a rua de Bragança. Esta medida, quanto a mim, não tem senão um merecimento, he de habilitar o Sr. ministro a fazer mais este desperdicio. Já o meu nobre amigo e collega por Pernambuco fez judiciosas considerações ácerca deste objecto; S. Ex., na resposta que se dignou dar, foi: « Que, se por ventura a presença deste corpo em terra concorria para sua insabordinação, então não haveria corpo algum de linha que podesse ter disciplina.»

Ora, eu observo ao nobre ministro que a disciplina dos corpos da armada he muito differente da disciplina dos corpos de linha; o homem que serve em terra póde muito bem não servir a bordo. Vejamos mesmo o que acontece comnosco a este respeito; por ventura quando nos achamos a bordo dos navios estamos habilitados a fazer o mesmo que em terra? Seguramente que não. Se este corpo tem de servir na armada, elle deve estar em lugar onde se vá habituando pouco a pouco a todos os serviços do mar.

E demais, perguntarei ao nobre ministro o que ficará fazendo a fortaleza de Villegaignon? que destino dará ao aquartelamento desta fortaleza? servirá unicamente para o corpo de imperiaes marinheiros? Segundo os proprios mappas de S. Exc. este corpo nunca tem mais de 250 praças; e então para que se vai gastar 60:000$ com um quartel para 50 ou 60 praças? Pelos mesmos mappas de S. Exc., o estado effectivo do batalhão naval, não passa de 250 praças, 180 a bordo dos navios, e 70 em terra. E mesmo S. Exc. diz no seu relatorio que o corpo se vai desfalcando todos os dias por tal maneira que talvez venha a ficar reduzido á uma companhia, isto he, a 100 praças. Ora, 100 praças não são sufficientes para serem distribuidas pelos navios, e assim ficará o quartel servindo unicamente para o estado-maior. Alem disto, S. Exc. tambem disse que, á vista dos embaraços que se encontram no recrutamento e engajamento, terá muita difficuldade em conservar toda a força naval no pé em que se acha; portanto, o mais que poderá fazer he que o seu batalhão naval se conserve com 250 praças. Ora, distribuidas 180 pelos navios, como se vê dos seus mappas, ficam em terra 70; e para estas 70 vai gastar 60:000$ nos reparos do quartel! Não haverá outro modo em que o nobre ministro possa applicar com mais utilidade este dinheiro? Não sei quaes são as razões que jámais possam autorisar semelhante despeza; parece-me que o nobre ministro, como já disse de outra vez, quiz celebrisar-se com o batalhão naval: pedio a Portugal emprestado um nome para dar a este batalhão; agora quer-lhe dar tambem um quartel, sem attender ao desperdicio que vai commetter.

Passando a tratar do topico do relatorio de S. Exc. relativamente ao asylo de invalidos, eu tenho a observar que desde 1848 se trata deste estabelecimento, no entanto até hoje não se tomou uma medida deffinitiva a semelhante respeito; apenas S. Exc. um ou dous mezes antes da abertura do corpo legislativo nomeou uma commissão para dar um parecer sobre este assumpto. Seguramente não he por falta de dinheiro que S. Exc. deixou de collocar pedra do edificio; por quanto S. Exc. diz que tem 30:000$ depositados no thesouro para este fim.

Perguntarei a S. Exc., se por ventura já se escolheu lugar para o edificio, porque razão S. Exc. não deu já principio á obra; emquanto S. Exc. fazia toda essa mudança no batalhão naval, não podia occupar-se deste objecto, sem duvida muito mais importante?

No seu relatorio nos diz o nobre ministro que se acham depositados no thesouro 30:000$, provenientes das deducções de um dia de soldo, como determina a lei de 1848, de todas as praças de pret dos corpos da marinha e officiaes marinheiros, assim como, emquanto não for reclamamados pelos herdeiros legitimos, dos soldos atrasados dos que morrerem *ab intestado*, etc.

Costa-me que nesta quantia não estão incluidas todas as deducções, nem podiam estar, porque o Sr. ministro não expedira as convenientes ordens á esquadra para na organisação dos prets fazer-se esse desconto, sendo que esse serviço não pode ser bem feito pela contadoria, que tem outras obrigações.

Se o nobre ministro tinha intenção de aproveitar-se dessa disposição da lei, parece-me que devia logo ter tratado de dirigir as ordens convenientes á esquadra; mas S. Exc. não pensou nisto, apenas 2 mezes antes de se abrirem as camaras he que, tendo de escrever o seu relatorio, nomeou uma commissão para se occupar do asylo dos invalidos.

Faço estas considerações, porque vejo que a nossa marinha esta em tudo menos bem aquinhoada que outras corporações do Estado. Conheço que não he possivel que em um paiz novo como o nosso haja todos os esclarecimentos que ha em outros paizes; mas quando se vê na capital do imperio o grande edificio da Praia Vermelha, destinado para os alienados, quando se vê outros edificios, he para lamentar que o governo não tivesse mais zelo e desvelo na creação de um asylo para o invalidos da armada; se o tivesse, já poderia ter principiado essa obra tão util.

Eu entendo, Sr. presidente, que nós devemos ter muita attenção com a nossa marinha, porque o nosso paiz, em consequencia de suas extensas costas, ha de ser um dia uma grande potencia maritima, e não se pode ter marinha sem cuidar do bem-estar, da felicidade daquelles que a compoem. São estas as idéas que caracterisam o povo hoje o mais eminente do mundo a este respeito, e permitta-me o nobre ministro que lhe lembre um pequeno trecho de uma obra que S. Exc. já tem lido por tantas vezes.

« O governo inglez, segundo nos diz o Sr. barão Charles Dupin, he religioso para com os direitos adqueridos, e sempre fiel a suas promessas; enthusiasta animando serviços prestados: generoso no reconhecimento dos serviços prestados; cuidadoso do bem estar e da saude de seus defensores, avarento de suas vidas; e finalmente sabe compadecer-se da sorte dos seus servidores invalidos, he caritativo para as suas viuvas, paternal para com os orphãos. »

O nobre ministro seguramente, que tem lido tanto estas obras, deve ter grande enthusiasmo por esses celebres escriptores que tratam da marinha ingleza; entretanto não vejo que S. Exc. tenha tendencia alguma para a marinha ingleza; todas as suas inclinações são hoje para a marinha franceza, pelo menos pelo que respeita ao conselho naval, como já observei em outra sessão; parece mesmo que S. Exc. só deseja introduzir entre nós as instituições de Luiz Napoleão. A vista do que acabo de ponderar, todas as vezes que me occupar de objectos de marinha, terei sempre o cuidado de chamar a attenção do governo para que trate quanto antes da edificação de semelhante estabelecimento altamente reclamado, pois que he preciso que haja um lugar onde se recolham os homens que gastam a sua saude e se inutilisam no serviço do Estado.

O topico que se segue do relatorio do Sr. ministro he relativo á intendencia da marinha. Já este assumpto foi largamente considerado pelo meu nobre amigo e collega por Pernambuco, por isso mui breves reflexões farei ácerca delle. Consta-me que essa repartição está completamente inutilisada, que as attribuições que lhe pertencem são invadidas pela contadoria da marinha, que está hoje no gozo de attribuições que não lhe competem.

Parece-me que as contadorias pela sua natureza devem só fiscalisar as despezas feitas, nada tem com as compras; no entento consta-me que a contadoria da marinha da côrte he a repartição que exerce mais influencia no ministerio da marinha. Talvez que o nobre ministro tenha muito boas razões para isto, talvez tenha muita confiança nos empregados da contadoria; he negocio este em que não devo entrar; mas observarei que o intendente da marinha he pessoa muito habilitada, homem muito honrado, tão habil como seu antecessor, cuja probidade foi apregoada nesta casa pelo proprio Sr. ministro na ultima sessão.

Mas se a intendencia não presta serviços, se o nobre ministro entende que a contadoria pode preencher as funcções da intendencia, acabe-se com esta repartição; acho muito inconveniente que estejam as duas repartições em completa rivalidade constantemente, sendo que tudo isto só concorre para que padeça o serviço publico. Consta-me mesmo que na contadoria os officiaes de marinha não são bem tratados, que para obter os seus pagamentos e suas guias soffrem grande morosidade: parece que nesta repartição não se gosta da farda; como he dirigida por empregados civis, dizem que ha certa animosidade contra os officiaes da armada; posso asseverar a S. Exc. que tenho ouvido queixas a este respeito; se fundadas ou não, S. Exc. melhor resolverá.

Poucas palavras direi ácerca dos arsenaes, assumpto este de que tambem se occupou o meu nobre amigo e collega por Pernambuco. Estou informado que o arsenal da côrte não presta aquelle serviço que poderia; desde já porém declaro que não quero fazer a menor censura ao digno official que o dirige, porque de mais a mais he um dos bravos que se cobrio de gloria em minha provincia por occasião da ultima revolta; tivesse eu queixas contra elle, só no ultimo caso as faria.

A morosidade do serviço no arsenal de marinha não provem do digno official que o dirige, mas sim da contadoria da marinha. Consta-me que não ha navio que possa jámais sahir no dia designado pelo Sr. ministro; muitos ha que são mandados sahir em um dia, e sahem 15 dias depois; alguns sahem em um dia, e voltam no dia seguinte, por falta dos devidos supprimentos. O arsenal queixa-se da intendencia, a intendencia da contadoria, e a contadoria da secretaria; mas o caso he que o serviço he feito pessimamente: os generos que vão para o arsenal consta-me que não são da melhor qualidade.

Não insistirei sobre esta circumstancia da má qualidade dos generos, porque não tenho documentos para apoiar essa minha asserção; mas no que insisto he que o almoxarifado da marinha seja provido dos generos necessarios afim de que faça os supprimentos em tempo devido, afim de que o serviço publico não padeça. A camara se recordará da larga discussão que houve no senado ácerca da viagem da corveta *Bahiana*, discussão que prova que o arsenal não soube supprir a esse navio convenientemente.

Eu tenho observado que os navios que vão da côrte para a minha provincia no fim de uma viagem de dez dias chegam necessitados de tudo; apenas chegam fazem logo grandes pedidos, o que mostra que quando partem não vão convenientemente suppridos. Declaro, torno a repetir para que não se possa envenenar a minha intenção, que não quero fazer censura alguma aos empregados do arsenal da côrte, porque consta-me que elles fazem o que podem e está ao seu alcance, mas queixo-me do Sr. ministro por não dar as providencias convenientes afim de que os armazens do arsenal estejam sempre suppridos dos generos necessarios.

E a respeito do arsenal da marinha da minha provincia, devo dizer que era talvez uma das repartições da marinha que marchava mais regularmente antes que S. Exc. fosse elevado aos conselhos da corôa; mas S. Exc. tem certa ogeriza infelizmente á provincia de Pernambuco, porque até nesta parte lhe quiz fazer mal; tirou-lhe o habil official que dirigia alli o arsenal. Note-se que durante o ministerio de S. Exc. quatro inspectores tem havido no arsenal de Pernambuco, dous effectivos e dous interinos.

Ora, sabe-se quanto he prejudicial o tirocinio de empregados, de chefes de repartições, segundo o principio proclamado pelo nobre presidente do conselho; assim, necessariamente o serviço publico no arsenal de Pernambuco deve ter padecido. Eu desejava mesmo que se estabelecesse uma discussão ácerca desse arsenal, porque circulam boatos contra a honra daquelle official; estou que a honra desse official esta garantida pela probidade do mesmo nobre ministro da marinha; por ventura tivesse tido S. Exc. suspeitas daquelle official, o teria sujeitado a um conselho de guerra, e não o teria honrado com certas provas de consideração, que elle já tem merecido de S. Exc.

Eu appello para os nobres deputados pelas provincias do Norte que passam constantemente por Pernambuco, que digam se não ha grandes melhoramentos no arsenal de Pernambuco de certos annos para esta parte; não ha ninguem que chegando alli não fique mesmo pasmo de ver o grande adiantamento das obras; no intervallo de uma sessão que estive na côrte, quando voltei á provincia achei grande alteração no arsenal, grandes obras se tinham feito; se fôr executado o plano debaixo do qual tem de ser feito as obras desse arsenal, será elle o estabelecimento talvez o mais completo do imperio neste genero, poderá prestar muito bons serviços ao Estado; porém acha-se paralysado, as interinidades tem feito muito mal.

Eu não quero fazer carga ao nobre ministro pela nomeação do substituto daquelle inspector que tinha dado grande impulso no arsenal de Pernambuco, porque tambem reconheço nelle um homem muito honesto e zeloso. Porém esse official pouco ou nada póde fazer, em consequencia de difficuldades apresentadas pela thesouraria da fazenda. Um conflicto se travou entre o thesouraria e o arsenal de marinha, que motivou talvez a demissão desse empregado, as difficuldades continuaram, o arsenal não podia obter cousa alguma para o seu serviço; occasião houve em que um navio foi demorado dez dias em Pernambuco por causa de um barril de tinta; o arsenal não a tinha, fez o pedido para a thesouraria, mas foi não satisfeito semelhante pedido senão depois de muitos dias! Eu deploro que tudo que diz respeito a Pernambuco tenha peiorado depois que o nobre ministro teve assento nos conselhos da corôa.

Notarei tambem que o inspector do arsenal de Pernambuco não tem uma paga sufficiente, o ordenado que se lhe dá he de 800$, quando o intendente da Bahia tem 2:400$, entretanto que o arsenal de Pernambuco pouco differe do da Bahia. Note-se mais que o inspector do arsenal de Pernambuco, além de todos os encargos do seu emprego, he membro da commissão da obra do melhoramento do porto, pelo que recebia em certo tempo a gratificação de 1:200$ que lhe foi tirada. Assim, pois, o inspector do arsenal da Pernambuco, com muito mais que fazer do que o intendente da Bahia, só por ser de Pernambuco tem 800$, emquanto o da Bahia tem 2:400$!

Nota-se ainda que o nobre ministro pede no seu relatorio um augmento de ordenado para o inspector do arsenal da côrte; não negarei de certo este augmento, mas desejo que se estenda este beneficio ao de Pernambuco.

Observarei tambem que o inspector do arsenal da côrte recebe uma gratificação de 1:200$; mas a camara ha de se recordar que aqui foi proposta uma medida augmentando o ordenado deste empregado, e que a camara rejeitou esta medida; não obstante deu-se essa gratificação, o que he de alguma maneira desrespeitar-se a decisão da camara, collocar-se o governo acima do corpo legislativo em materia de despeza.

Ainda mais, o nobre ministro, mandando dar essa gratificação, deveria consigna-la no seu orçamento, o que fôra muito melhor do que occultar certas cousas.

Mas, se quando a camara rejeita uma despeza o governo se julga autorisado a fazê-la, desnecessaria se torna a lei do orçamento; neste caso passe uma medida declarando que o governo distribua os dinheiros publicos como bem lhe aprouver, he isto mais airoso do que vêr-se uma medida rejeitada aqui em um dia, e no outro ser ella adoptada por decisão propria do governo.

Occupar-me-hei agora das capitanias dos portos. He seguramente esta uma das novas instituições que eu reputo muito util, porque serve para regularisar não só o serviço maritimo dos portos, como até para coadjuvar a arrecadação das rendas publicas; mas he uma instituição que parece estar em completa orphandade, não se lhe dando o devido valor. Seria muito util que o nobre ministro cuidasse de mandar formar escolas de praticagem, das quaes sahissem praticos habeis, ao menos para certas paragens cuja navegação he difficil, com especialidade a de Pernambuco até ao Pará; mas parece que he objecto de que S. Exc. não se occupa.

Tambem observarei que o nobre ministro, se está informado das difficuldades da entrada do porto do do Pará, devêra ha muito ter tratado de mandar balisar os baixos que alli existem, por meio de collocação de boias.

A este respeito peço o auxilio do nobre membro da commissão que ha pouco pedio a palavra, porque elle deve estar convencido desta necessidade mais do que eu.

O governo porém dorme sobre todas essas necessidades; tanto mais quanto a provincia do Pará he a mais longinqua, e por isso della pouco se cuida.

Vou agora occupar-me, Sr. presidente, de uma das materias mais favoritas do nobre ministro da marinha, que he a academia da marinha, sobre cujo assumpto estou divergente do meu nobre amigo e collega, deputado pela provincia de Pernambuco, que fallou hoje.

Era natural, Sr. presidente, que o nobre ministro da marinha, sendo lente de uma das academias juridicas do imperio, se lembrasse de introduzir na marinha o ensino de materias do curso juridico e que quizesse envolver questões juridicas em negocios de marinha; por isso diz S. Exc. que a academia de marinha carece de reforma e que para este fim encarregára uma commissão de lentes para offerecer um projecto de reforma aos estatutos da academia de marinha.

Eu, Sr. presidente, não contestarei a medida de S. Exc. nesta parte; mas entendo que qualquer proposta que tenha de ser apresentada a este respeito não deve ser confeccionada sómente por lentes da academia da marinha, mas tambem por officiaes da armada, os quaes tendo um curso da academia, e tendo no commando de vasos de guerra adquirido toda a pratica da vida do mar, não são menos habilitados para indicar as imperfeições com que os guardas marinhas vão para bordo dos navios, quando sahem da academia.

Os lentes da academia de marinha são homens scientificos, acostumados a essas theorias philosophicas e mathematicas, mas que estão inteiramente alheios aos habitos e a tudo que he necessario para a vida do mar.

Lembrarei ao nobre ministro um facto que ha certos annos passados occorreu em Portugal durante o ministerio de Martinho de Mello, cujo nome tem sido citado tantas vezes nas discussões do senado. Tendo-se resolvido em Portugal uma viagem de instrucção para os aspirantes de marinha, entendeu o governo daquelle paiz que esses estudantes deviam ir acompanhados por seus lentes, e não por officiaes de marinha.

Effectivamente sahio para o Mediterraneo o navio destinado a essa viagem de instrucção, levando a seu bordo todos os aspirantes de marinha, e os lentes da academia; e o que aconteceu? os lentes enjoaram logo, mettêram-se em seus camarotes, nada poderam ensinar aos seus discipulos, de maneira que a viagem tornou-se desproveitosa completamente, e até consta que a derrota feita pelos lentes sahio errada, não tendo contemplado nos calculos o abatimento do navio como deviam.

Tambem, Sr. presidente, lembrarei ao nobre ministro o que aconteceu entre nós no anno de 1832, nessa época em que, por assim dizer, o espirito dominante era o de querer destruir tudo quanto era velho; resolveu-se que fossem fundidas em uma só as duas academias que existiam, a de marinha e a militar, e confiou-se a uma commissão de lentes a organisação dos novos estatutos: por esses estatutos exigia-se 4 annos de estudos para a formatura de qualquer official que quizesse ser admittido na marinha.

Supprimiram-se certas aulas muito necessarias, como, por exemplo, a de apparelho; tornou-se secundaria a cadeira de navegação, e creou-se as cadeiras de mineralogia e de botanica.

Os estudantes que sahiam desta academia, e iam para a marinha com o titulo de bachareis, chegavam a bordo e nada sabiam, nem mesmo conheciam o apparelho; de fórma que dentro de um anno, sendo então ministro da marinha o actual Sr. presidente do conselho, tornou-se ao antigo estado, essa reforma foi abandonada e restabelecida a academia de marinha ao que era anteriormente.

Já vê pois o nobre ministro que estas experiencias tem sido fataes, que he melhor continuarmos a caminhar por onde temos andado.

Não he a falta de instrucção scientifica, Sr. presidente, que faz com que os officiaes da nossa armada não sejam mais perfeitos na sua profissão. O nobre ministro, segundo nos diz em seu relatorio, julga que a idade de 12 annos he demasiadamente prematura para que um moço possa ter adquirido os conhecimentos necessarios requeridos como preparatorios para ser admittido na academia de marinha, e parece-me que ao mesmo tempo S. Ex. he de opinião que se augmentem as materias desses preparatorios; de maneira que assim um moço só poderá entrar para a academia de marinha quando tiver 16 annos de idade, com quatro annos de estudo na academia; á vista do accrescimo de materias novas lembradas pelo nobre ministro no seu relatorio, só na idade de 20 annos ficará prompto. Ninguem dirá que isto seja conveniente, antes seria melhor que nesta parte seguissemos o systema inglez, de admittir moços de tenra idade para a marinha, mandando-os para bordo dos navios, onde se acostumam logo ás privações da vida maritima, esquecendo-se das commodidades e divertimentos de terra; este he o meio da mocidade poder robustecer-se e adquirir força de espirito necessaria para resistir aos trabalhos e perigos da vida do mar e guerra, acostumando-se tambem por esta maneira a votar respeito e consideração aos seus superiores, por quem tem de ser commandados. He a este systema que a marinha ingleza deve o seu engrandecimento ao ponto de ser considerada hoje como a rainha dos mares do Universo.

O nobre ministro sabe perfeitamente de todas essas batalhas navaes que houveram entre a França, a Hespanha e a Inglaterra desde a revolução franceza. Para se ser official na marinha hespanhola exigia-se um curso de 7 annos de estudos, era a nação que nesse tempo apresentava officiaes com mais instrucção scientifica, tendo possuido mesmo alguns habeis escriptores de marinha, como, por exemplo, dous de quem neste momento me recordo, Charruca e Mendes e Rios, aquelle, autor de um tratado de promptificação de artilharia, e este de um sobre navegação, obras que foram aproveitadas pelos Inglezes; entretanto o que aconteceu? A marinha ingleza, sem ter esses conhecimentos scientificos que tinha a hespanhola e a franceza, sempre foi vencedora nos combates navaes que tiveram lugar.

Entendendo, Sr. presidente, que a instrucção he muito proveitosa a qualquer classe, eu annuiria de bom grado que o nobre ministro desse essa instrucção scientifica que tem em vista aos nossos aspirantes de marinha, se isto não trouxesse o inconveniente de fazer com que elles tenham de ir para bordo dos navios já em uma idade em que lhes sera mais difficil adquirir os habitos da vida do mar. O nobre ministro parece que indicou no seu relatorio a necessidade de se crear na academia de marinha uma cadeira para o ensino do direito das gentes.

Duvido, Sr. presidente, que semelhante innovação seja necessaria, mas emfim annuiria assim mesmo a esse ensino, se não prejudicasse a outros que me parecem indispensaveis. Note-se que quem tem vocação para certos ramos da sciencia não tem precisão de os estudar em academias; temos a prova de officiaes da nossa marinha que hão prestado bons serviços na diplomacia sem terem feito o estudo deste ramo na academia em que estiveram: lembrarei ao nobre ministro os relevantes serviços diplomaticos prestados pelo Sr. chefe de divisão Pedro Ferreira de Oliveira ultimamente no Rio da Prata, serviços que não podem ser escurecidos.

O Sr. Siqueira Queiroz:—Tambem se estuda no gabinete.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Lembrarei mais ao nobre ministro que Nelson, que foi um dos primeiros almirantes da Inglaterra, nunca esteve em uma academia juridica aprendendo o direito das gentes, e no entanto teve de tratar de grandes questões diplomaticas.

Emfim, senhores, eu só concordaria na creação desta cadeira em nossa academia de marinha se, como disse, e com os outros augmentos de materias de ensino lembradas por S. Exc., dahi não resultassem os inconvenientes que ja apontei. Verdade he que a creação dessa cadeira talvez trouxesse a vantagem de proporcionar a S. Exc. o meio de ficar nesta côrte depois que sahir do ministerio; seguramente S. Ex. hoje acostumado as doçuras da côrte, difficilmente sujeitar-se-ha ao depois á solidão do ermo de Olinda.

E finalmente, Sr. presidente, ja temos exemplos entre nós de moços que entraram para a academia de marinha, e depois achando-se com tendencias para outros estudos não quizeram continuar na marinha. Não sabe a camara que o espirito que se deleita com o estudo de certas materias scientificas, não pode habituar-se ao depois ao materialismo da vida do mar? Assim vemos que os Srs. Paranhos e Ottonis, que ja foram officiaes de marinha, não quizeram continuar nessa carreira.

Ja vê pois V. Exc. que o ensino destas materias na academia de marinha talvez faça com que o official se acostume com mais difficuldade á vida do mar, e mesmo lhe crêe aborrecimento.

Não posso, Sr. presidente, deixar de dar uma breve resposta ao nobre ministro da marinha pela crueldade com que elle se pronunciou contra a provincia de Pernambuco, á vista da maneira porque se oppoz a uma emenda relativa ao melhoramento do porto daquella provincia. Seguramente S. Exc. não pesou bem as considerações que fez a este respeito; estou certo que pensando com frieza e calma ha de convencer-se de que foi nimiamente injusto para com essa provincia. Haverá alguem nesta casa de boa fé que possa suppôr que a provincia de Pernambuco não tem os recursos sufficientes para se poder gastar mais de 60:000$ em qualquer obra quando o governo queira applicar os meios convenientes?

O Sr. Figueira de Mello:—Apoiado, ha até meios para se gastar o dobro e mais.

(*Ha outro aparte que não podemos ouvir.*)

O Sr. Augusto de Oliveira:—A maioria da camara, senhores, foi tambem cruel para com a provincia de Pernambuco, porque de mais a mais as razões produzidas pelo nobre ministro não são valiosas, tendo apenas o merecimento de amesquinhar essa provincia, suppondo que em uma obra util alli não se póde despender mais do que 60:000$ por anno ainda que o governo queira. Se assim fosse, o que seria dessa estrada de ferro, cuja construcção ha de consumir todos os annos centenares e milhares de contos de réis!

Se o nobre ministro dissesse que a provincia de Pernambuco por estar excommungada não está no caso de merecer favor algum, bem; ao menos tinha S. Exc. o merito da franqueza; mas não escarneça de minha provincia dizendo que alli não se póde gastar mais de 60:000$ em uma obra por muito util que seja. (*Apoiados dos Senhores deputados de Pernambuco.*)

Em que se funda o nobre ministro para aventurar tão infundada asseveração? Na experiencia, disse S. Exc.! mas a experiencia antes prova contra. Já ponderei á casa em outra occasião que a obra do melhoramento do porto de Pernambuco principiou em 1848, havendo sido nesse anno votada a quantia de 80:000$ para esse fim, e note-se que foi a deputação praieira que obteve este favor do corpo legislativo quando toda a receita orçada não passava de 22 a 23,000:000$; entretanto, hoje que a renda publica está calculada em 31,000:000$, havendo aliás 3,500:000$ de sobras, apenas se destina para a mesma obra a modica quantia de 60:000$! só por escarneo he que se procede por tal fórma. (*Apoiados dos mesmos senhores*).

Observarei a camara que em Pernambuco existem muitas obras de particulares onde se dispende annualmente mais do que esta quantia, por exemplo, parentes meus edificaram alli dentro do espaço de 4 annos um grande trapiche, obra que tem tambem alguma cousa de hydraulica, e que está avaliada em 350:000$; pois, senhores, quando particulares podem empregar perto de 100:000$ por anno em construcções, só o governo he que não poderá gastar annualmente mais de 60:000$, ainda que queira, com o melhoramento do porto de Pernambuco? Ha tambem alli uma grande obra de empreza particular, que he a do encanamento das aguas, que importou em 700 e tantos contos de reis, esta obra foi feita em tres annos, teve pois essa empreza de gastar perto de 200 e tantos contos de reis por anno, e entretanto o governo, ainda com a melhor boa vontade que tenha o Sr. ministro da marinha, não poderá dispender com o melhoramento do porto desta provincia mais de 60 contos de reis, como disse S. Exc.! Seja franco o nobre ministro, diga, repito, que a provincia de Pernambuco está excommungada, e não merece beneficio algum, e não apresente razões que amesquinham essa provincia, e que lhe são só offensivas. (*Apoiados e não apoiados. Cruzam-se diversos apartes*).

Eu não quero entrar em questões de rivalidades e ciumes; peçam os nobres deputados a palavra, proponham as medidas que forem necessarias para os melhoramentos materiaes das provincias a que pertencem, contem com o meu voto, voto que nunca neguei, desde que tenho assento no parlamento, sem attender a nomes de provincias ou localidades.

O Sr. Taques:—A provincia de Pernambuco he uma das que merece e deve merecer toda a consideração da camara.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Merecerá da parte do nobre deputado que alli conta muitos amigos e sympathias, gozando tambem alli o seu nome de grande consideração, mas não merece da parte do Sr. ministro da marinha; o que está mais que provado á vista das expressões de que se servio S. Exc.

O Sr. Aprigio:—O Sr. ministro da marinha tambem tem alli muitos amigos e sympathias.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Não negarei; por esta mesma razão admira que S. Exc. molestasse por tal forma a provincia de Pernambuco.

No anno financeiro de 1852 a 1853 teve a provincia de Pernambuco a quantia de 120:000$ para a continuação da obra do melhoramento do seu porto; foi esse o unico anno em que a deputação de Pernambuco póde alcançar essa consignação, a despeito aliás da vontade do ministerio, mas naquella época a nobre maioria nos era menos infensa: porem infelizmente durante aquelle anno governava aquella provincia o nobre deputado pela Bahia que ha pouco deixou aquella presidencia, e cuja administração para os melhoramentos materiaes foi tão prejudicial como o choleramorbus, ou outra qualquer peste. (*Apoiados e não apoiados*). Eu já provei uma vez na casa que aquelle Sr. deputado tendo a sua disposição 1,080:000$ para melhoramentos materiaes, apenas alli applicou 190:000$!

Note-se outra incoherencia da parte do nobre ministro: por ventura já tratou S. Exc. de mandar buscar á Europa um engenheiro hydraulico para aquella obra? Não de certo; entretanto mandou vir um para uma obra do Rio de Janeiro! O Rio de Janeiro merece tudo, Pernambuco não merece nada. (*Apoiados e não apoiados. Vivas reclamações da deputação fluminense*).

Mandou-se vir da Europa um engenheiro hydraulico para a côrte do imperio, unicamente para levantar a planta de um dique, para cuja obra se pede 400 ou 500:000$ por anno, ao passe que para o melhoramento do porto de Pernambuco o governo pede sómente 60:000$, e não tem mandado vir da Europa engenheiro algum para essa obra. (*Continuam as reclamações.*)

Condemnada pois semelhante obra a ser feita por meio de consignações annuaes de 60:000$, ha de acontecer que no fim dos 30 annos, prazo necessario para sua conclusão, não estará melhorado o porto, tendo-se dispendido 2,000:000$; por tanto em tal hypothese melhor he mandar sustar por emquanto essa obra. O governo cuide primeiro dos melhoramentos de que tanto carece esta côrte, trate tambem de outras provincias mais queridas, e quando houver dotado a côrte e certas provincias queridas de todos os beneficios de que necessitam, e quando existir tanto dinheiro que possa até mandar pratear e dourar as calçadas da rua do Ouvidor, lembre-se então da infeliz e desgraçada provincia de Pernambuco. (*Novas reclamações.*)

O Sr. F. Octaviano:—Estão pessimamente calçadas as ruas da capital do imperio. (*Apoiados.*)

O Sr. J. A. de Miranda:—Acham-se em um estado miseravel, como se vê. (*Apoiados*).

O Sr. Augusto de Oliveira:—Não pensem os nobres deputados que eu fallo com ciume, estejam certos de que sempre hei de prestar o meu voto a favor de qualquer medida que proponham para a provincia do Rio da Janeiro; e permitta-se-me que diga, a nobre deputação dessa provincia não tem tratado, como devia, de examinar se certos beneficios que existem em outras capitaes do mundo civilisado podiam ser applicados a esta cidade, porque, senhores, eu entendo que a capital de um tão vasto imperio sem duvida deve ser levada ao seu verdadeiro grão de esplendor. (*Apoiados e differentes apartes*). Mas para isso não queiramos nobres deputados que a uma provincia como a de Pernambuco, que dá perto de 5,000:000$ para a receita geral, apenas se dê 60:000$ por uma obra de vantagens incalculaveis. (*Continuam os apartes. Viva agitação na camara.*)

Senhores, não aceito a discussão neste terreno; declaro aos nobres deputados pelo Rio de Janeiro que hypotheco desde já o meu voto a qualquer medida que propozerem com o fim de beneficiar a côrte e a sua provincia; mas dêem tambem alguma cousa á infeliz provincia de Pernambuco, e quando se lhe queira negar os beneficios a que tem direito, seja-se franco. (*Ainda continuam os apartes*). Divirjo da opinião do nobre deputado que acaba de dar um aparte relativamente ao theatro desta cidade; entendo que não he possivel que a capital de um imperio como he o Brasil não tenha um theatro (*apoiados*) e theatros em parte alguma se sustentam sem subvenções do governo; mas o que quero he que não se martyrise e tyrannise a provincia de Pernambuco ao ponto de se lhe negar uma obra de tanta utilidade, que he o que importa a votação de uma tão limitada quantia para o melhoramento de seu porto.

O Sr. J. A. de Miranda:—A deputação da provincia do Rio de Janeiro não he injusta para Pernambuco, nem para provincia alguma. (*Apoiados*).

O Sr. Augusto de Oliveira.—Sr. presidente, continuarei ainda a chamar a attenção da camara para a grande utilidade do melhoramento do porto de Pernambuco; ja em outra occasião procurei despertar no animo da casa algumas circumstancias que me pareciam haver sido desconhecidas pelo nobre ministro da marinha. Permitta-me V. Exc. que eu faça agora uma comparação entre a provincia da Bahia e a de Pernambuco.

A provincia da Bahia está sem duvida em melhores condições do que a de Pernambuco, sendo-lhe talvez em tudo superior: tem uma barra vasta que da entrada franca a todos os navios que demandam o seu porto, tem uma bahia immensa que se estende pelo interior da provincia, que he um grande manancial de riqueza e por onde descem todos os seus productos. (*Apoiados*). Alem disto os filhos dessa provincia se distinguem pelo seu patriotismo e illustração, e para prova basta lançar os olhos para aquelle banco. (*Apontando para o banco em que se senta a deputação bahiana.*)

Pernambuco, porém, embora inferior em tudo, no meio da progressiva prosperidade em que tem marchado todo o imperio tem caminhado com mais rapidez do que a Bahia; verdade esta cabalmente demonstrada pelos mappas estatisticos da receita do estado. A Bahia, cuja renda publica em certos annos atrazados era duplicada e triplicada da de Pernambuco, hoje pouco excede á provincia de Pernambuco; no mappa demonstrativo da receita do exercicio de 1852 á 1853, que vem appenso ao orçamento do ministerio da fazenda: « Receita na provincia da Bahia 5:256:181$304, a mesma na de Pernambuco 4,664:861$101, isto he, a Bahia rende hoje apenas 10 por cento mais do que Pernambuco, quando em outro tempo rendia 100 e 200 por cento mais!! A que será devido esse phenomeno? Não será ao augmento do commercio? E esse commercio do que consta senão de mercadorias nacionaes e estrangeiras, que entram e sahem em navios pelo porto daquella provincia?

Ora, já vê por conseguinte a camara a magnitude e relevancia de semelhante obra; se por ventura o porto de Pernambuco fosse mais abordavel, menos perigoso, e offerecesse aos navios de grande lotação a necessaria segurança, certamente o commercio poderia alli ter muito mais se desenvolvido; e por esta razão appello mesmo para a deputação da provincia da Bahia, que ao menos seja um pouco mais generosa para a provincia de Pernambuco...

Uma Voz: —A deputação da Bahia nada nega á provincia de Pernambuco.

O Sr. Augusto de Oliveira: — ... que attenda que aquella obra he de interesse vital, não só para Pernambuco, como para o imperio.

Declaro, porém, Sr. presidente, que um dever de consciencia foi que me levou a me occupar tão extensamente do assumpto de que acabo de tratar, porque sei que os meus esforços serão baldados; vejo que o nobre ministro da marinha está enjoado com Pernambuco, e por esta razão he que eu peço sómente a S. Exc. quando passar o seu enjôo, que se lembre de tão infeliz provincia, mandando vir da Europa um engenheiro hydraulico para cuidar convenientemente daquella obra tão util.

Passarei agora, Sr. presidente, a considerar as explicações que o Sr. ministro da marinha se dignou dar em seu discurso proferido na ultima sessão, ás duas perguntas que dirigi ao governo. O Sr. ministro da marinha, figurando-se offendido em sua honra, tratou, Sr. presidente, de me dirigir certas expressões pouco convenientes, que de certo eu não mereci; eu não cansarei, Sr. presidente, a paciencia da casa com a leitura das interpellações tão innocentes...

Vozes: — Sim, sim, innocentes!

O Sr. Augusto de Oliveira: — ... que fiz ao governo. Eu já disse, Sr. presidente, que sou demasiado franco, e não sei occultar o meu pensamento; se por ventura tivesse motivos para desconfiar da probidade do nobre ministro, sobra-me coragem para ataca-lo de frente, portanto nunca foi a minha intenção offendê-lo neste ponto; porém foi conveniente ao nobre ministro julgar-se offendido em sua honra para poder dirigir certos doestos.

Estranhei, Sr. presidente, he verdade, e o não posso negar, que o Sr. ministro concorresse para que se encerrasse a discussão sem dar as devidas explicações ás minhas interpellações; e se por ventura o nobre ministro se tivesse julgado offendido, seguramente que não teria demorado tanto tempo semelhantes explicações.

Eu insisti, Sr. presidente, sobre aquelles documentos a que me referi, afim de poder entrar nesta discussão com pleno conhecimento de causa. Assevero que nunca tive senão duvidas em meu espirito de que esses vapores poderiam ter sido ajustados por preços menos elevados; e estas duvidas hoje transformaram-se em certeza depois que ouvi ao Sr. ministro, estando agora convencido que estes vapores foram comprados mais caros por causa da imprevidencia do nobre ministro, e a semelhante respeito não responsabiliso aos agentes do governo em Londres, porque tudo he devido á imprevidencia e desleixo do Sr. ministro, o que espero poder provar satisfactoriamente.

O Sr. ministro já nos disse que o Sr. Eliziario Antonio dos Santos, que se achava em Inglaterra inspeccionando a construcção do vapor *Amazonas*, fôra encarregado pelo Exm. Sr. Tosta para mandar informações sobre differentes objectos. Ora, eu vou ler uma dessas informações, a qual eu chamarei proposta, assim como todos que a quizerem examinar, attendendo para os termos em que se acha ella concebida; depois de lida essa proposta a depositarei sobre a mesa, e será impressa quando se publicar o meu discurso: e o nobre ministro a poderá mandar para a Inglaterra, afim de averiguar se he falsa ou verdadeira, porque na primeira hypothese, para salvar minha reputação, eu direi o nome da pessoa que m'a entregou, e estou que todos se convencerão da boa fé por que tenho procedido.

Uma voz: — Como póde o nobre deputado ter nas mãos uma proposta original?!

O Sr. Augusto de Oliveira:—A proposta que vou ler he copiada pela minha letra de uma outra que foi entregue, e escripta por uma letra bem conhecida....

A mesma voz: — E de quem he essa letra?

O Sr. Augusto de Oliveira: — Isso he o que eu não direi agora.

Peço a attenção da camara para o que vou ler.

« Glasgow, 21 de novembro de 1851. Senhor, estou prompto a construir os vapores que me propõe, quer a todas, quer a helice, como melhor lhe convier; e construi-los fortemente das melhores madeiras, a classificar na praça (A 1) a 12 annos de duração; de porte de 400 ou mais toneladas, medida do constructor; o machinismo será oscilante, e de força collectiva de 120 cavallos ou mais, com caldeiras tubulares, tubos de latão, tudo dos melhores materiaes e mais moderna construcção, com tanques para agua, camaras, cozinhas, mastros, vergas, apparelho, velas, ancoras, amarras, escaleres, e de tudo completo, menos mobilia, armas e munições. As caldeiras serão taes que poderão conter 150 toneladas de carvão ou mais, calando d'agua em carga 10 a 11 pés. O custo será de £. 30 por tonelada, medida antiga. O tempo de entrega será o 1.° 5 mezes depois da data do contracto, e os outros 3 semanas depois de cada uma entrega. Igual ou maior velocidade se poderá obter do vapor a helice que do vapor a rodas do lote e força ácima mencionados. Sou etc. Assignado por procuração de Robert Napier. — *James Napier.* »

Parece-me que essa proposta fôra dirigida ao agente do governo em Londres, o Sr. Eliziario Antonio dos Santos, que a deve ter communicado ao mesmo Sr. ministro.

Sr. presidente, V. Exc. já vê que esses vapores eram offerecidos em Inglaterra para ser construidos por £ 18,500 incluindo nesse calculo a quantia de £. 1,730 destinada para mobilia, armas e munições. A'vista dos termos em que se acha concebido o documento que acabo de ler, pergunto he informação ou proposta?...

Uma Voz: — Informação.

O Sr. Augusto de Oliveira: — Então eu não sei o que he proposta, visto que nesse documento o constructor de Glasgow, J. Napier, obriga-se a fazer vapores marcando dimensões, o preço e tempo da entrega dos mesmos vapores, e se isto não he proposta, ou se os nobres deputados não a consideram como tal, eu direi que neste caso não querem argumentar de boa fé.... (*Ora? ora!*)

Uma Voz: — Só o que lhe falta he a palavra — proponho.

O Sr. Augusto de Oliveira: — Agora, Sr. presidente, direi que o Sr. ministro só podia defender-se dizendo que não tinha conhecimento de semelhantes documentos, ou que não fez caso delles; he pelo menos o que eu tenho colhido da discussão; S. Exc. tratou deste negocio com aquelle pouco zelo com que elle cuida de todos os objectos de sua repartição, o Sr. ministro procurou confundir as datas, porque assim foi necessario para sua argumentação, e nos disse que não podia estar pelas propostas de 1851 quando mandou construir os vapores em 1853, porque já havia decorrido muito tempo.

Senhores, tudo se passou no mesmo anno de 1852 para que pois fazer semelhante confusão?! Essa proposta, datada de 21 de novembro de 1851, e não podendo ser enviada senão no paquete de dezembro, só deve ter chegado em janeiro de 1852, dous ou tres mezes antes do Sr. ministro tomar *conta* da repartição dos negocios da marinha; no mez de junho discutio-se nesta camara o credito para compra de vapores, o qual foi convertido em lei no mez de agosto, e em outubro partio o official que assignou e contratou os primeiros em dezembro; portanto já vê a camara que tudo se passou no mesmo anno de 1852. Em que base aliás se fundou o nobre ministro para pedir 800:000$ para 4 vapores...

O Sr. Ministro da Marinha: — Não marquei.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Os vapores pelo preço por que foram ajustados vêem a importar em 204:000$ cada um, sahindo dos estaleiros, e accrescentando-se-lhes as despezas necessarias para que elles possam chegar até este ponto, tem S. Exc. excedido o credito de perto de 100:000$ ou mais.

Uma Voz: — O nobre ministro já respondeu a isso.

O Sr. Augusto de Oliveira: —Não duvido; mas são irregularidades a que se deve attender, e se o nobre ministro só tinha 200:000$ para gastar em cada um dos vapores, não devia espaçar esse credito; mas essas irregularidades são bagatellas, tão communs na repartição da marinha, que não vale a pena nem mesmo menciona-las? Não ha lei que S. Exc. respeite.

Disse o nobre ministro em o seu discurso que as condições do contrato dos dous primeiros vapores lhe pareceram tão razoaveis que ordenou a compra de mais dous vapores; e ao depois encarregou-se S. Exc. de se condemnar, mostrando que decididamente errou asseverando que os primeiros vapores haviam sido ajustados por condições muito favoraveis: por quanto S. Exc. mesmo foi quem nos disse que esses segundos vapores foram contratados por preços menos elevados, isto he, £ 1,668 0 s., 4 d. ou por outra, 16:000$ pouco mais ou menos, cumprindo notar que se deu o intervallo de perto de 6 mezes entre a celebração de ambos esses contratos, e que S. Exc. tambem nos disse, referindo-se aliás a um trecho de um officio do agente diplomatico em Londres, que de dia em dia a mão d'obra e materiaes de construcção naval em Inglaterra vai crescendo. Tambem S. Exc. attribuio as vantagens do segundo contrato ao credito do Brasil em Londres. Ora, o Sr. ministro acreditará que a compra desses vapores influa alguma cousa sobre o credito do Brasil em Londres? Quando, Sr. presidente, eu frequentava um collegio em Londres, e quando ainda o nobre ministro talvez se matriculava na academia de Olinda, já o Brasil tinha credito tão bem estabelecido naquelle paiz que os nossos fundos publicos tinham uma elevada cotação na praça de Londres; a compra desses vapores influio sobre o credito do Brasil em Londres tanto quanto pode concorrer para tingir o oceano um pingo de tinta que nelle se deite; por tanto o credito do Brasil em Londres deveria ter influido para se obter condições favoraveis nos contratos tanto dos primeiros vapores como dos segundos.

Uma voz:—Veja o que diz o Sr. Sergio.

O Sr. Augusto de Oliveira: —Eu acredito muito nesse senhor, e acredito que falla a verdade e que elle se houve da melhor maneira possivel para o contracto da compra desses vapores; mas observo que o nosso agente diplomatico em Londres não he o mais proprio para andar pelos estaleiros examinando e mercadejando da compra de navios, tendo aliás muitas outras occupações de grande monta que prendem a sua attenção; o mais que póde fazer he acreditar o official enviado para esse fim junto aos constructores, aconselha-lo, porém não póde tratar exclusivamente de semelhante negocio.

Sr. presidente, pergunto ao nobre ministro porque não tratou de mandar tirar partido dessa proposta? pois que o nobre ministro tendo esses documentos em suas mãos os podia ter remettido ao ministro brasileiro em Londres para ver se podia tirar vantagem della. E pensará o nobre ministro que esse homem que assignou essa proposta, não cumpriria a sua palavra sendo-lhe apresentada seis mezes depois?

Sr. presidente, a religião da palavra em Inglaterra he a base em que assenta o commercio, para que se effectuem immensas transacções basta o encontro entre dous individuos, e duas palavras trocadas. E eu não admitto que um constructor acreditado como he o Sr. Napier, de Glasgow, ligado pela sua palavra no documento que foi lido, e tendo-se compromettido a construcção desses vapores em certo prazo, e por certo preço, faltasse jámais a semelhante engajamento. O que, pois, neste negocio se observa he a imprevidencia do Sr. ministro da marinha.

S. Exc. disse que a proposta do Sr. Napier, cuja copia elle nos leu, fallava de vapores de 300 a 400 toneladas, emquanto a que ha pouco submetti á leitura da camara refere-se a vapores de 400 toneladas ou mais; e assim tirou S. Exc. argumento para mostrar que aquella proposta, referindo-se a vapores pequenos de 300 e 400 toneladas, não podia servir para prova da exageração do preço dos vapores que se estão fazendo, porque o *Beberibe*, por exemplo, que he um delles, tem 559 toneladas; e seguramente a camara terá notado a contradicção em que cahio ao depois S. Exc., que procurando mostrar a barateza dos seus vapores baratos de 500 a 600 toneladas, foi compara-los com vapores nacionaes e estrangeiros de mil, duas e tres mil toneladas. Se a minha proposta he verdadeira, já vê a camara que o nobre ministro está condemnado, tendo podido ter obtido cada um desses vapores por 40 contos de menos, isto he, poderia ter poupado á nação 160 contos na compra de semelhantes vapores.

Porém, senhores, eu abandono a minha proposta, julgando só valida a que apresentou S. Exc.; e espero provar que o nobre ministro condemnou-se á vista dos calculos que elle mesmo apresentou. Primeiro que tudo cumpre firmar o principio, se o maior ou menor numero de toneladas influe no preço dos vapores. A camara vio que S. Exc. parece antes adoptar a opinião de que isto he indifferente, pois que S. Exc. comparou vapores pequenos de 500 a 600 toneladas com vapores de 1,000, 2,000

e 3,000 toneladas. Permitta-me a camara que eu considere a questão em ambas as hypotheses, isto he, influe ou não influe no custo o maior ou menor numero de toneladas?

Admittindo-se a hypothese que não influe, S. Exc. está condemnado pela mesma proposta que tem em seu poder, porque o constructor que se obrigava a fazer vapores de 300 a 400 toneladas, faria de 300 a 600 sem alteração de preço; e esta he, senhores, a opinião mais razoavel, pois que estou informado por engenheiros, que o maior numero de toneladas de um vapor influe antes para diminuir o seu custo, bem entendido, guardada a devida proporção no calculo que for feito.

Considerando a questão debaixo da segunda hypothese, isto he, de que a tonelada de um vapor grande custa mais do que a de um pequeno, ainda digo e vou provar, que o nobre ministro condemnou-se á vista dos calculos que apresentou, e a que se referio na discussão. O preço do *Affonso*, nos disse S. Ex., com força de 300 cavallos, e de lotação de 1,026 toneladas, importou em £ 16,4,2 por tonelada, e o do *Beberibe*, de 130 cavallos e 559 toneladas he de £. 10,13,4; note a camara que no custo do *Affonso* estão incluidas essas immensas porcentagens a que se julgaram com direito os agentes encarregados da sua construcção, facto este que foi revelado na casa pelo Sr. ministro da marinha, que nos disse o anno passado que tinha exigido que os encarregados da construcção do *Amazonas*, que são os mesmos da daquelle outro vapor, restituissem a porcentagem indevida que haviam retido. Ora, faça-se o desconto dessas porcentagens que avultam muito, e faça-se o desconto proporcional segundo a hypothese figurada do *Affonso*, que em lotação e força da machina he superior de mais de 100 por cento ao *Beberibe*, ficará o *Beberibe* custando muito mais que o *Affonso*. Já vê a camara, que por este lado está condemnado o Sr. ministro.

Cumpre observar a casa, que além desta proposta do Sr. Napier houveram mais outras de cinco constructores de Glasgow, sendo esta a de preço mais elevado e a que eu dei mais valor, em consequencia de ter sido informado de que o nome conceituado do Sr. Napier podia ser igualado sem desvantagem com o do Sr. Green, aliás tambem muito acreditado, e que se acha incumbido da construcção desses vapores.

O Sr. ministro, para provar a barateza dos seus vapores, procurou compara-los com vapores da marinha mercante estrangeira, tendo porém S. Exc. ponderado que a construcção naval de guerra he sempre mais dispendiosa do que a dos navios mercantes. Não duvido que haja essa differença para os navios de vela, ou talvez o nobre ministro pense, que ha a mesma differença entre um vapor de guerra inglez e outro mercante, que póde haver entre o brigue de guerra de nossa marinha com uma sumaca ou patacho de nossa navegação costeira. Em tal caso permitta-me o nobre ministro que eu lhe diga que se engana.

V. Exc. sabe que vapores destinados a navegar em mares como o Mediterraneo e o Atlantico devem ser construidos com toda a solidez. Tive occasião em minha vida de visitar fragatas a vapor em differentes portos de Inglaterra e França, e seguramente não me pareceram esses vapores superiores em cousa alguma a esses immensos vapores que navegam dos Estados-Unidos para Inglaterra; antes pelo contrario estou informado que esses ultimos são mais dispendiosos, porquanto sobre ser de construcção tão solida como aquelles, tem ricas camaras e excellentes accommodações para passageiros; em quanto não importaria só uma camara desses vapores, quando a do *Affonso* custou, segundo ouvi dizer, mais de 50:000$?! S. Exc. referio-se a um vapor de nome *D. Maria II*, pertencente á companhia Luso-Brasileira, o qual se está actualmente construindo nos estaleiros do mesmo Sr. Green, de Londres, encarregado do fabrico dos nossos vapores.

Esse vapor *D. Maria II*, conforme nos disse S. Exc., importara em £ 55,000, isto he, segundo o calculo apresentado cada tonelada custará £ 41,15,0. Ora, na hypothese figurada de que a tonelada de um vapor grande importa em mais do que a de um vapor pequeno, tendo-se em vista que a lotação daquelle vapor *D. Maria II* he de 1,700, emquanto que a do *Bebiribe* he de 559, tendo este custado £ 10,12,6, decididamente esta comparação apresentada pelo nobre ministro só serve para condemna-lo.

Por qualquer modo que se encare a questão, já vê a camara que os vapores foram ajustados por condições desfavoraveis, verdade que não póde ser escurecida, porquanto a segunda encommenda de dous vapores já foi menos onerosa, e he provavel, se houvesse uma terceira, que tambem fosse menos desfavoravel; e tudo isto, crescendo de dia em dia em Inglaterra o preço da mão d'obra e materiaes de construcção naval, segundo nos disse o Sr. ministro!

Tenho, Sr. presidente, me esforçado para mostrar a imprevidencia do nobre ministro neste assumpto que a sua inexperiencia he devido não se ter adquirido os vapores por preços mais razoaveis; se S. Exc. tivesse dado o devido valor a todos os documentos que deviam existir na sua secretaria, seguramente seus agentes teriam ajustado esses vapores por preço mais moderado.

Não quero fazer a menor censura ao seu agente, que chegando a Londres, a essa Babylonia, não poderia ter logo acertado, já que S. Exc. não o habilitou com instrucções baseadas nas informações a que o Sr. Tosta teve o cuidado de mandar proceder.

Concluindo essas observações, julgo haver provado com toda a evidencia que os vapores custaram 150 a 160:000$ de mais, por imprevidencia e deleixo do Sr. ministro da marinha.

A respeito da segunda parte da minha interpellação, o nobre ministro exprimio-se por estas palavras, que peço licença á camara para as repetir: « Julgo ter dito quanto he bastante a respeito dos contratos dos vapores; passo a dar explicações ácerca da parte não menos desairosa...» O nobre ministro quando fallou na camara usou do termo—pouco decente.—Ora, a camara me permittirá que eu leia essa minha interpellação, e desejo que a nobre maioria descubra em minhas palavras essa pouca decencia que achou o nobre ministro. Eis-aqui a pergunta que fiz a S. Exc.:

« Consta-me que ha annos anteriores foram enviados da Bahia um certo numero de Africanos livres, pertencentes ao arsenal daquella provincia, e que foram entregues ao arsenal desta côrte. Depois que esses Africanos prestaram ahi bons serviços, porque eram bons remadores, amestrados em todos os serviços de arsenaes, foram da noite para o dia distribuidos por particulares, com mais essa circumstancia de estarem alguns delles ganhando salario no arsenal para os individuos a quem foram dados. Consta-me mais que esses Africanos foram distribuidos por pessoas que vivem em contacto com os Srs. ministros de estado. Ora, a camara comprehende que este facto he de alguma importancia.»

Desejava que o nobre ministro me mostrasse onde estava a indecencia desta pergunta. Parece-me que o nobre ministro quer vedar a qualquer representante da nação fazer perguntas ao governo; declaro que hei de ser sempre muito parco daqui por diante no uso deste direito que tem qualquer membro desta casa, porque não quero expôr-me a ser insultado por esta maneira pelo Sr. ministro da marinha.

Não sei que direito tem o Sr. ministro para vir tachar aqui ninguem de indecente, nem sei que seja pouco decente um membro desta casa fazer interpellações ao governo. Note-se, entretanto, que o nobre ministro nem sequer se dignou ler a relação dos nomes das pessoas a quem foram distribuidos esses Africanos, talvez porque visse nesses nomes individuos que vivem em contacto com S. Exc. Se he isto que está a minha indecencia, digo que de alguns desses Africanos estavam de posse pessoas em contacto com o Sr. ministro.

Declaro todavia, que me arrependo de ter tocado em semelhante assumpto, e tanto que não insisto nelle, porque ha certas pessoas (por mais que me queira exprimir com alguma arte) a quem receio offender, quando aliás desejo respeitar. Estou persuadido que este facto talvez tenha de ser discutido em outro lugar, onde o nobre ministro não terá talvez facilidade de chamar indecente áquelle que lhe fizer perguntas a este respeito.

Eu observo que S. Exc. no senado, por occasião da discussão da lei de fixação de forças navaes, lembrou-se de querer alli estabelecer regras á discussão, dizendo que deixava de responder em um ou outro ponto a um nobre senador, porque a materia era do orçamento e não era relativa ás forças navaes.

Ora, a camara sabe que a discussão das forças navaes he illimitada tanto nesta camara como no senado; he permittido nessa occasião a qualquer membro das camaras dirigir ao governo interpellações sobre este ou aquelle objecto; mas o nobre ministro julgou-se com titulos de impôr novas regras até no senado! Estou que se algum senador fizer a S. Exc. alguma pergunta a respeito desses Africanos livres a que eu me referi, o nobre ministro não appellidará de indecente. S. Exc. entendeu dever me tratar por tal forma porque eu sou representante de uma provincia que está excommungada.

A camara se recordará da moderação com que eu tenho procedido em certas discussões; em uma celebre e decantada de que sempre me lembrarei, já houve quem dirigisse ataques directos contra a minha honra, preferi recebe-los impassivel...

Uma Voz:—Quem dirigio ataques á sua honra?

O Sr. Augusto de Oliveira:—Um Sr. deputado pela Bahia disse que eu tinha recebido dinheiros publicos sem o conveniente processo nas thesourarias para obras publicas; ora, eu nunca fui empreiteiro de obras; entretanto ouvi esses insultos impassivelmente; preferindo antes responder com o desprezo do que concorrer pela minha parte a tornar aquella discussão mais tempestuosa.

Tenho pois dado sobejas provas de que longe de ser indecente, sou até muito moderado nesta tribuna. Pedirei ao nobre ministro da marinha que se digne emprestar-me o seu diccionario para que eu possa aprender a definição da palavra indecencia, porque desejo ao menos ser decente nesta casa. Não duvido que algumas vezes tenha commettido faltas devidas a certos defeitos de minha organisação, mas nunca indecencias.

Custa-me muito quando venho a esta tribuna sujeitar-me a certo francezismo parlamentar; fóra deste recinto costumo a fallar aos meus amigos com toda a franqueza, abrindo-lhes sempre o meu coração; quando venho a este lugar entendo que devo usar ainda de mais franqueza, porque fallo daqui para o meu paiz, que he o meu primeiro amigo. Tenho até hoje observado toda a franqueza e sinceridade para com os meus amigos e collegas. Sigo, desde que entrei na carreira publica, uma só opinião politica; e seguramente se não tenho servido a essa opinião com distincção, porque não está ao alcance de um espirito tão myope como o meu, mas ao menos não lhe tenho faltado com toda aquella lealdade e dedicação de que dispõe uma creatura tão minguada como eu. (*Apoiados dos deputados de Pernambuco*). E estou longe de me parecer com certos troca-tintas que no decurso de uma curta vida publica, de meia duzia de annos, já tem servido a ambas as opiniões que tem dominado no paiz, e que talvez estejam prestes a servir a quantas vierem, comquanto lhes dêm uma presidencia ou qualquer osso para roer.

Sr. presidente, á vista das diversas considerações que tenho ponderado acerca dos negocios da marinha, declaro que me vejo obrigado a negar o meu voto a todo o orçamento. Entendo que a repartição da marinha tem marchado com summa negligencia, que a marinha tem decahido durante a administração do actual Sr. ministro, que os dinheiros publicos não tem sido devidamente fiscalisados, e para prova ahi estão esses vapores comprados por rs. 160:000$ de mais do que deviam; que o material da marinha tem em tudo peiorado com o actual Sr. ministro, que o pessoal todo se acha descontente e desanimado.

E por mais que procurasse no relatorio do Sr. ministro ver alguma idéa transcendente, propria do espirito do nobre ministro, não a encontrei; examinei linha por linha, fiz um estudo completo dessa peça official, e os topicos mais importantes relativamente ao conselho naval, batalhão naval e academia, contém só idéas extravagantes e inadmissiveis, segundo já mostrei por duas vezes que eu tenho fallado nesta materia.

Onde está pois essa gloria de S. Exc., tão apregoada por alguns membros da nobre maioria? O que tem elle feito em beneficio da nossa marinha? Sou o primeiro a render culto á illustração do nobre ministro como lente do curso juridico; mas sou obrigado a reconhecer que decahio inteiramente apenas sentou-se nos conselhos da corôa. S. Exc. lê livros, mas não cuida do material e pessoal da armada.

A intelligencia toda superior de S. Exc., talvez gyrando sempre em espheras muito elevadas, já não póde abaixar-se a occupar-se de certas materialidades; finalmente a repartição da marinha resente-se da falta de um chefe zeloso que cuide de sua prosperidade.

Ora, vendo eu uma repartição tão importante como he a marinha, que poderosamente influindo nos destinos do paiz, he sem duvida um dos principaes esteios da monarchia e integridade do imperio (*apoiados*), entregue aos cuidados do nobre ministro, que nada tem feito para o seu melhoramento (*apoiados e não apoiados*), não posso deixar de negar o meu voto a todo o orçamento. A vista das considerações que expendi no exordio deste meu discurso, não posso deixar de negar o meu voto a esse orçamento monstro. Entendo mesmo que se infringe a constituição passando este projecto tal qual está redigido; quereria antes que se tomasse uma medida igual aquella que se adoptou o anno passado, desligando da lei do orçamento todas essas materias estranhas que lhe foram enxertadas. Porém vejo que a nobre maioria quer entregar os cofres publicos ao governo sem o menor exame e estudo. (*Apoiados e não apoiados*). Sr. presidente, tendo já dado a hora, e sentindo-me summamente fatigado, limito-me ás observações que acabo de submetter á consideração da camara, declarando que voto contra esse projecto monstruoso da lei de orçamento.

PUBLICAÇAÕ A PEDIDO.

AO DIA 7 DE SETEMBRO.

Salve, oh Dia de gloria!... uma era nova
Inscreveste no livro das Nações,
Uma era que aos vindouros já comprova
Quanto he forte o querer nos corações.

Que o povo só escuta a voz de Deos,
Baixada lá dos céos, rompendo os ares...
Então ei-lo prostrado ante os altares,
Ei-los então cumpridos votos seus;

Que delle já não he: he do Senhor
A vontade que entãose manifesta;
Instrumento he aquelle; Este Motor,
Seu valor, sua bravura nos attesta.

Tal foi na de Cabral Terra guerreira
Essa voz que soou Omnipotente,
E como de Deos vinha, de repente
Da liberdade foi a mensageira!

Somos livres! ouvio-se até o Norte
Desd'o Sul retumbar alti-sonante;
Ou dai-nos liberdade, ou dai-nos morte,
Melhor que um captiveiro degradante!

Quem portanto ousaria oppor descrêr
Ao brado que dos Céos por cópia vinha?...
Emmudecem tyrannos!... e asinha
Começou nossa vida, o nosso ser.

As Nações exultaram, qual exulta
Quem contempla o irmão recente-nado;
« Taes progressos fará, que breve culta
« Todo mundo verá como assombrado. »

Unisona essa voz repercutia
Desde um canto da terra ao outro canto;
E inda bem!... o Brazil vai com espanto
Sabia realisando a prophecia!

Ei-a, oh Patria querida! avante! avante!
Transpõe a meta que baliza os povos;
Na lista das Nações já és gigante,
Novos feitos trarão progressos novos.

O porvir que te aguarda he tão brilhante!...
Deos he teu protector, he quem te guia;
Mil de gloria terás, como este dia...
Ei-a, oh Patria querida!... avante! avante!

G. A. S.

COMMERCIO.

Importaçao'.

Brigue portuguez *Maria Feliz*, vindo do Porto, consignado a Antonio Joaquim de Souza Ribeiro, manifestou o seguinte:

10 saccas alfazema, 10 barris azeite, 20 canastras rolhões de cortiça, 10 barris presuntos, 17 caixas pomada, 5 cunhetes machados, 200 ancoretas azeitonas, 10 cunhetes velas de sebo, 2 caixas retroz, 1 dita pentes de chifre, 3 ditas açafatinhos, 60 cunhetes sebo em pão, 160 rodas de páo, 630 liaças de vimes, 14 barris pregos, 1 cunhete obras de prata, 20 ternos açafates e condeças, 57 canastras d'alhos, 149 ditas batatas, 330 resteas cebolas, 1 porção de ditas em molhos, 1 sacco dinheiro de ouro e prata; ao consignatario.

3 caixas palitos, 200 rodas d'arcos de páo, 26 canastras alhos, 150 ditas batatas; a Manoel da Silva Amorim.

2 pipas e 8 barris vinho, 3 caixas diversos generos, 4 barris enxadas, 3 canastras rolhas, 1 caixa ferro em brides, 1 fardo peneiras, 2 caixas palitos, 1 dita berrumas, 1 dita missangas, retroz e pedras de afiar, 1 caixa panno de linho e linhas, 1 dita retroz, 1 dita pentes, 1 barril presuntos, 1 cunhete caixas, 21 canastras alhos; a Barroca & Castro.

1 caixa rosarios e cordas para instrumentos; a Henrique de Oliveira Soares.

1 barril carne; a João dos Santos Nunes Lima.

1 barril carne; a Joaquim da Silva Castro.

1 dito dita; a José Mamede Alves Ferreira.

1 caixão coturnos; a José Joaquim Ferreira Guimarães.

7 caixas diversos objectos; a Albino José da Silva.

20 canastras rolhas, 17 ditas alhos, 1 caixa chapeos, 1 dita linhas e miudezas, 1 dita pomada, 1 caixão botões e requififes, 5 caixas palitos, 8 barris vinho, 1 sacco obras de lãa em camisola, 1 dito varias encommendas; a Lourenço Fernandes do Carmo.

1 caixão volantes; a José Rodrigues Ferreira.

2 caixotes com 1 santuario e 2 imagens; a Thomaz de Faria.

1 gigo vasos, 1 pacote capachos; a Joaquim Antonio dos Santos.

200 rodas de arcos, 1 barril presuntos, 6 barrilinhos linguiças; a Antonio Ferreira Monteiro.

200 rodas de arcos de páo, 500 liaças de vimes, 5 cunhetes toucinho, 1 lata carne; a José Francisco da Silva.

150 rodas de arcos de páo, e 100 liaças de vimes; a Manoel José Gomes Braga.

9 barris presuntos, 2 caixas açafates e candieiros de latão, 3 ditas cochins, 2 ditas flor de sabugueiro e cedreira, 10 canastras alhos, 10 ternos condeças, 36 cestos, 6 duzias açafates e fructeiras, 12 cestinhas e 30 salvas de verguinha, 10 ternos de açafates, 2 caixas paliteiros de barro; a José Monteiro de Siqueira.

1 caixa figuras de barro, 1 barril vinho, 1 caixão doce; a Antonio José de Siqueira.

2 caixas panno de linho e cochins; a Vicente Mendes Wanderley.

1 cunhete garrafinhas d'agua, 1 lata obras de ouro; a João Ferreira Ramos.

1 caixa brides, estribos, e cevada, 1 dita tramoia; a Antonio Joaquim Vaz de Miranda.

1 caixa cochins, 1 dita miudezas; a Joaquim Lopes de Almeida.

3 caixotes diversos generos, 1 sacco páos para tamancos; a José Felix de Oliveira.

1 caixa retroz, 10 barris pregos, 2 caixas feiches de rabos, 2 ditas pentes, 1 cunhete vidros, 4 caixas feixaduras, 3 ditas linhas, 1 dita candieiros e linhas; a Thomaz Fernandes da Cunha.

5 pipas e 20 barris vinho, 1 embrulho dinheiro de ouro e prata; a Francisco Alves da Cunha & Companhia.

1 caixão chapeos; a Manoel Luiz Ferreira.

4 caixas linhas e cochins; a José Antonio Basto.

4 ditas palitos, pentes e brides; a Antonio Joaquim dos Santos Braga.

1 caixa botões e marras, 1 dita cochins, 1 dita miudezas; a Luiz de Oliveira Azevedo.

4 caixas flor de sabugueiro; a Antonio Torres & Companhia.

5 fardos capachos; a Domingos Rodrigues de Andrade.

1 barril vinho; a Antonio da Costa Ferreira Estrella.

1 barril vinho, 1 dito vinagre, 1 caixão azeite doce, 2 ditos santos; a Joaquim Juvencio da Silva.

1 barril presuntos, 1 caixão caixas de páo; a Antonio José Coelho do Rosario.

1 barril presuntos; a Antonio José Coimbra Guimarães.

4 caixas e 1 cunhete louça e figuras de barro, 60 canastras batatas; a Silva & Irmão.

1 caixa figuras de barro, 1 cunhetezinho alamares; a Manoel de Azevedo Andrade.

2 caixas painço, 1 dita palitos, panno de linho e retroz, 1 dita diversas mercadorias, 1 dita bacilhas de algodão, palitos e cochins, 2 canastras rolhas, 80 saccos feijão; a Domingos Alves Matheus.

1 bomba de pinho; a José Fernandes.

1 caixa açafates, 2 ternos condeças, 1 dito açafates, 9 canastras alhos; a Cosme José dos Santos Callado.

3 canastras batoques e rolhões; a Antonio Joaquim Vidal.

19 caixas pomada; a Joaquim da Silva Lopes.

100 rodas arcos de páo; a Manoel Ignacio de Oliveira.

1 barril vinho; a Manoel Fernandes Guedes.

1 caixão cochins, rosarios, pentes e botões; a Antonio Luiz de Oliveira.

2 caixas diversos generos e 1 cunhete; a João dos Santos Tinoco de Souza.

1 cunhete freios e estribos; a Manoel José Carneiro.

1 caixa pentes e escovas; a Francisco Alves de Pinho.

1 caixa obras de prata; a Moreira & Duarte.

3 caixas feixaduras, 15 ditas pomada; a Manoel Joaquim Ramos e Silva.

1 barril e 2 caixões vinho; a Guilherme Augusto Rodrigues Sette.

1 barril vinho, 1 lata salpicões; a Dionizio Velloso de Macedo.

1 cunhete presuntos; a José de Azevedo Andrade.

1 lata bandas de seda; a Antonio Pereira de Oliveira Ramos.

3 caixas retroz; a Rosas Braga & Companhia.

6 fardos capachos, 16 canastras batatas, 2 caixas archotes; a Manoel Duarte Rodrigues.

1 caixa toalhas e 2 caixilhos: a José Antonio Pinheiro.

5 caixas diversas mercadorias; a Antonio Fernandes Thomé.

26 canastras alhos, 100 ditas batatas, 6 saccas cevada, 400 resteas cebolas; a Bernardino José da Silva.

1 caixa miudezas; a Joaquim Antonio Dias Castro.

1 cunhetinho alampadas de latão e luvas; a Francisco Radich.

2 pedras de cantaria; a Antonio V. da Silva Barroca.

1 caixão com prata; a Joaquim José da Costa e Silva.

1 caixão meias; a Francisco Coelho da Fonseca.

1 dito vidros; a Sebastião José de Oliveira.

1 embrulho panno de linho; a Manoel Gonçalves de Oliveira.

1 caixão com santos; a José do Nascimento Lopes.

1 embrulho obras de prata; a Joaquim Lopes de Almeida.

1 embrulho cortes de colletes; a Antonio Ferreira Monteiro.

1 embrulho; a Guilherme A. Rodrigues Sette.

1 dito meias; a Joaquim Ribeiro Pontes.

1 lata biscoito, 1 caixão louça e vidros; a Manoel Antonio Torres.

1 molho de louro, 2 viveiros passaros; a José Bernardo da Cunha.

2 viveiros passaros, 1 gaiola com 1 melro; a Joaquim Antunes da Silva.

1 gaiola com 1 canario; a João da Motta.

Escuna hamburgueza *Heinrich Gustar*, vinda de Hamburgo, consignada a Brunn Praeger & Companhia, manifestou o seguinte:

10 caixas vidros pintados, 1 dita ferragens, 2 ditas papel, 2 ditas feltros para chapeos, 1 dita brinquedos de folha de flandres, 1 dita pastas e botões tecidos, 3 ditas quinquelharias, 1 dita couro envernisado para convés, 1 dita agulhas, 2 ditas tesouras, 3 ditas laca em folha, 1 dita e 1 caixinha charutos, 1 caixa sabonetes, 1 pacote amostras; a ordem.

2 caixas com 2 pianos verticaes, 2 balas panno, 1 pacotinho e 1 caixa amostras, 1 bala tecidos de lãa, 10 caixas brinquedos, 63 caixas tecidos de algodão, de meia seda e de lãa, 11 ditas quinquelharias, 15 ditas vidros, 1 dita espingardas, 1 dita conservas, 3 ditas com 3 pianos, 1 dita tecidos de seda e de meia seda, 1 dita chapeos, 8 ditas vinhos, 10 cestos e 5 barricas cerveja, 60 garrafões ervilhas e cevadinha, 2 caixas tecidos de seda, 50 barricas genebra, 2 caixas tecidos de meio linho e meia seda, 50 presuntos, 20 caixas cadeiras, 1 dita livros de commercio, 20 cestos garrafas vazias, 100 saccos farello, 550 garrafões vazios; a Brunn Praeger & Companhia.

2 caixas arames, 1 dita balanças com pesos; a Brander a Brandis & Companhia.

50 caixas cognac, 1 dita bijouterias, 7 ditas vidros, 1 dita amostras, 1 dita tecidos de espartaria, 3 ditas objectos de Noremberg; a J. D. Wolfhopp & Companhia.

1 bala e 1 pacote panno de lãa, 3 ditos tecidos de lãa para calça, 2 pacotes e 1 caixa amostras, 10 cestos champagne, 8 caixas tecidos de algodão, 1 dita meias curtas de algodão, 11 ditas tecidos de lãa, meio linho e algodão; a C. J. Astley & Companhia.

2 caixas tecidos de algodão, 1 pacote amostras, 1 dito livros; a Schafheitlin & Companhia.

1 caixa drogas, 1 dita papel pintado e fitas de seda; a A. L. Strauss.

21 barrilinhos pregos de arame, 2 ditos ditos de forro, 1 caixa com caixas com balanças, 1 dita objectos para chapeleiro, 5 ditas ternos de objectos de madeira, 2 ditas chapeos de algodão, 25 pacotes lonas da Russia, 2 caixas sanguesugas, 1 dita lenços de seda e meia seda, 2 ditas chales de algodão, 1 caixotinho e 4 pacotinhos amostras, 2 caixas vestidos de algodão, 1 dita tecidos de seda, 1 dita silhas de algodão, e meias curtas de dito, 2 ditas vestidos de meia seda; a N. O. Bieber & Companhia.

50 barris cemento; a Rothe & Bidoulac.

11 caixas tecidos de lãa, de algodão, e de meio linho; a J. H. Gaensley.

1 caixa tecidos de lãa, 1 dita encerados, 1 dita sabonetes; a M. J. R. da Silva.

7 caixas quinquelharias; a Feidel Pinto & Companhia.

20 caixas queijos, 1 dita couro envernisado, 1 dita cordões de merinó, 5 ditas fitas, 1 dita bezerros envernisados, 1 dita fio de marcar, 1 dita perolas de chumbo; a Novaes & Companhia.

Galeota belga *Jeannete Marie*, vinda de Antuerpia, consignada a N. O. Bieber & Companhia, manifestou o seguinte, por franquia:

37 barris pregos, 4 caixas alfinetes, 40 ditas papel, 200 ditas vidros para vidraças, 20 ditas armas; a ordem.

69 caixas papel, 200 ditas queijos, 192 barris pregos, 22 ditos zinco, 2 volumes livros, 77 caixas armas e ferragens, 1 pacotinho livros; a Brander a Brandis & Companhia.

480 caixas vidro para vidraças, 29 ditas armas e ferragens, 27 ditas tecidos de algodão, lãa e linho, 1 pacote amostras, 17 caixas marmore, 120 fardos papel de embrulho, 200 peças fazendas para saccos, 7 barricas obras de latão, 24 caixas papel; a N. O. Bieber & Companhia.

1 caixa livros em brochura; a Santos & Companhia.

150 caixas vidros para vidraças, 1 caixote tecidos de algodão; a J. Keller & Companhia.

1 caixa com espingardas de 2 canos; a Manoel do Nascimento Silva.

21 fardos e 9 caixas papel, 1 pacote typos; a Mr. Calmont & Companhia.

64 barris pregos; a Rothe e Bidoulac.

230 caixas vidros para vidraças, 7,700 kilogrammas carvão de pedra; ao capitão.

Brigue hespanhol *Romano*, vindo de Santa Cruz de Tenerife, consignado a viuva Amorim & Filho, manifestou o seguinte, por franquia:

123 pipas e 8 quartolas vinho, 3,000 resteas alhos, 30,000 resteas cebolas, 970 gigos batatas; ao mesmo consignatario.

MOVIMENTO DO PORTO.

Navio entrado no dia 7.

Bahia—10 dias, hiate brasileiro *Fortuna*, de 61 toneladas, mestre José S. Moreira Rios, equipagem 8, carga varios generos; a Antonio de Almeida Gomes & Companhia. Passageiros, Antonio Moreira da Costa e Antonio Raymundo de Araujo. Ficou de quarentena.

Navios entrados no dia 8.

Rio Grande do Sul—24 dias, escuna brasileira *Zelosa*, de 131 toneladas, capitão Henrique José Vieira da Silva, equipagem 7, carga 6,459 arrobas de carne secca; a Guilherme Frederico de Souza Carvalho. Passageiros, Antonio Tavares Cordeiro e Frederick John Dias.

Parahiba—4 dias, hiate brasileiro *Conceição Flor das Virtudes*, de 23 toneladas, mestre João Alves de Farias, equipagem 4, carga toros de mangue; a Paulo José Baptista.

Idem—4 dias, hiate brasileiro *Tres Irmãos*, de 30 toneladas, mestre José Duarte de Souza, equipagem 4, carga tóros de mangue; a Joaquim Duarte de Azevedo.

Cette—41 dias, brigue escuna francez *Aspirante*, de 120 toneladas, capitão Ferrir, equipagem 9, carga vinho e mais generos; a J. R. Lasserre & Companhia.

Navios sahidos no mesmo dia.

Havana—Polaca hespanhola *Joven Dolores*, capitão Salvador Cobb, com a mesma carga que trouxe.

Idem—Patacho hespanhol *Indio*, capitão Luiz Pages, com a mesma carga que trouxe.

EDITAES.

O Dr. Custodio Manoel da Silva Guimarães, juiz de direito da primeira vara do commercio, nesta cidade do Recife de Pernambuco, por S. M. I. e C. o Sr. Dom Pedro II, que Deos guarde etc.

Faço saber que por este juizo no dia 13 do corrente mez a uma hora da tarde, se hão de arrematar por venda em praça publica, que terá lugar na casa das audiencias, uma barra de ferro, grande avaliada por 80$000 rs., uma carteira de duas faces por 8$000 rs., uma mesa com prateleira por 2$000 rs., uma papeleira por 1$000 rs., uma mesa pequena por 3$000 rs., 2 mochos por 2$000 rs., 3 cadeiras de pao por 3$000 rs., 1 carteira pequena por 6$000 rs., 1 balcão grande de amarello por 16$000 rs., 1 armario por 3$000 rs., 8 cadeiras por 8$000 rs., 2 cartões de aljofares falsos por 4$000 rs., 22 facas de cortar papel por 4$000 rs., 159 saccos vasios a 200 rs. 30$000 rs., penhorados a Mr. Bruguiere, por execução de Antonio Brandão da Rocha.

E para que chegue a noticia de todos mandei passar o presente edital que serão affixados na praça do commercio, e na casa das audiencias e impressos nos jornaes.

Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 6 de julho de 1853.—Eu Manoel Joaquim Baptista, escrivão interino o escrevi.

Custodio Manoel da Silva Guimarães.

O Dr. Custodio Manoel da Silva Guimarães, juiz de direito da primeira vara do commercio nesta cidade do Recife de Pernambuco por S. M. I. e C. o Senhor D. Pedro II que Deos guarde etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que no dia 9 de setembro proximo futuro, pela uma hora da tarde, se hão de arrematar em praça publica deste juizo, que terá lugar na casa das audiencias, 7 pedras de marmore redondas, brancas, avaliadas a 28$000 rs. cada uma, 196$000 rs., 11 ditas ditas para consolos, a 10$000 rs., 110$000 rs., e 1 carteira de escrivaninha de amarello, nova, por 35$ rs., penhoradas a Henrique Harnes, por execução de Schafheitlin & Companhia.

E para que chegue a noticia de todos mandei passar o presente edital que será impresso nos jornaes e dous do mesmo theor, que serão affixados na praça do commercio e na casa das audiencias.

Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 26 de agosto de 1853. Eu Manoel Joaquim Baptista, escrivão interino o escrevi.

Custodio Manoel da Silva Guimarães.

DECLARAÇO'ES.

COMPANHIA DE BEBERIBE.

A arrecadação da taxa nos chafarizes e bicas do encanamento das aguas passa a ser feita por administração do 1. de setembro em diante: os vales para canoas e pipas d'agua, e para o fornecimento das repartições e estabelecimentos publicos e particulares, serão vendidos pelo caixa, no seu escriptorio, na rua da Cadeia do Recife.

— De ordem do Illm. Sr. capitão do porto, se faz publico para conhecimentos de todos os proprietarios dos embarcações empregadas no trafico dos rios navegaveis desta provincia, que em virtude dos arts. 70 e 76 do regulamento das capitanias deverão solicitar as licenças annuas, e o arrolamento das ditas embarcações, isto no prazo de 30 dias, findos os quaes se imporá as multas a aquelles que deixarem de ter semelhantes documentos. Secretaria da capitania do porto de Pernambuco 5 de setembro de 1853.—No impedimento do secretario,

João Roberto Augusto da Silva.

— De ordem do Exm. Sr. director geral da instrucção publica, faço saber a quem convier, que está a concurso á cadeira de instrucção elementar, do primeiro gráo de Cruangi; com o prazo de 60 dias da data deste. Directoria geral 3 de setembro de 1853.—O amanuense archivista, *Candido Eustaquio Cesar de Mello.*

— Em observancia do disposto no artigo 19 das instrucções de 31 de janeiro de 1851, tem de se arrematar depois da proxima audiencia do Sr. Dr. juiz dos feitos da fazenda nacional e por execuções da mesma os bens seguintes: uma casa terrea na rua dos Bairros baixos, n. 18, com cozinha dentro, quintal murado, e cacimba meeira por 600$ rs., penhorada a viuva de Antonio da Cunha Soares Guimarães, uma dita pequena meia-agua no becco tapado da Cambôa do Carmo contendo sala e quarto por 250$000, a Francisco Geraldo Moreira Temporal, um terreno no lugar dos Coelhos com 80 palmos de frente por 160$000 rs. a Francisco Xavier da Fonseca Coutinho, 6 cadeiras, 1 canapé, 1 jogo de bancas de madeira d'oleo, e uma mesa de meio de sala, de jacarandá, cada objecto avaliado de per si, e todos no valor de 56$000 rs., á João Frederico de Abreu Rego: quem os pretender dirija-se ao lugar e hora do costume.

SABBADO 10 DE SETEMBRO DE 1853.

RECITA LIVRE DE ASSIGNATURA.

Depois que a orchestra tiver executado uma escolhida ouvertura, subirá a scena pela segunda vez o drama brasileiro em 4 actos,

FERNANDES VIEIRA
OU
Pernambuco libertado.

Finalisará o expectaculo, com a excellente comedia em 1 acto,

A ESCADA DE MAÕ,

na qual tomarão parte a senhora D. Manoela, Orsat, Mendes, Amoêdo, e Coimbra.

A senhora D. Leonor Orsat Mendes, achando-se incommodada, e não desejando que a empreza soffra interrupção em seus trabalhos, esforçar-se-ha em desempenhar as partes que lhe foram distribuidas.

Os bilhetes acham-se a venda no escriptorio do theatro.

Os senhores assignantes que pretenderem ficar com seus camarotes e cadeiras, mandarão prevenir até as 10 horas do dia do expectaculo; não vindo até esta hora, serão vendidos a quem apparecer.

AVISOS MARITIMOS.

— Freta-se para os portos do norte até o Acaracú, o patacho *Amargoso*: a tratar na rua do Queimado n. 44, loja de Bernardino José Monteiro & Irmão, ou com o mestre a bordo do mesmo patacho.

Para a Bahia.

Segue no dia 11 do corrente a veleira escuna nacional Titania, capitão Antonio Francisco Ribeiro Padilha: para o resto da carga e passageiros, trata-se com os consignatarios na rua da Senzala Velha n. 134.

Para o Aracaty.

Segue em poucos dias, por já ter a maior parte de sua carga prompta, o bem conhecido e veleiro, hiate *Capibaribe*, para o resto da carga, trata-se na rua do Vigario, n. 5.

Para o Assu',

o muito veleiro patacho nacional Paquete de Maceió, capitão Manoel Balbino de Freitas, sahe nestes quatro dias sem falta, e recebe carga e passageiros: trata-se com o capitão a bordo, ou na travessa da Madre de Deos ns. 9 e 10.

Ceara', Maranhao' e Para'.

Segue com brevidade o brigue Conceição: quem no mesmo quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se a José Baptista da Fonseca Junior, na rua do Vigario n. 14, primeiro andar.

— Para Penedo com escala por Maceió, a barcaça *Triumphante*, mestre José Eugenio dos Passos, segue impreterivelmente no dia 10 do corrente mez, por já estar com tres partes da carga a bordo, para o resto e passageiros trata-se no caes do Ramos armazem n. 2.

— Para o Rio de Janeiro seguirá com brevidade o brigue *Leão* por já ter a maior parte da carga prompta, o qual ainda póde receber alguma, assim como escravos a frete e passageiros, para o que tem bons commodos: trata-se na rua da Cruz do Recife n. 3, escriptorio de Amorim & Irmãos.

LEILAO'.

Leilao' de queijos.

Hoje, 9 do corrente, as 10 horas da manhãa, concluir-se-ha o leilão de queijos annunciado no *Diario* de ante-hontem.

AVISOS DIVERSOS.

— O Sr. Joaquim Gonçalves Vieira Guimarães, tem uma carta do sertão, na livraria n. 6 e 8, da praça da Independencia, e como se ignora sua residencia, roga-se-lhe de a mandar buscar.

— Precisa-se de 200$000 rs. a premio, dando-se por hypotheca uma morada de casa em Olinda, ou uma firma desta cidade.

— Tendo-se de arrematar os bens penhorados a Antonio Pereira Tyranno, por execução de Antonio Tito Pereira Borges, sendo os bens cadeiras e commoda, no dia 12 do corrente mez, na porta do Illm. Sr. juiz de paz da freguezia de S. José: quem pretender, dirija-se a porta do mesmo Illm. Sr. juiz.

— Manoel José Moreira embarca para o Rio de Janeiro a sua escrava Rosaria, crioula.

— Siqueira & Pereira embarcam para o Rio de Janeiro os seus escravos Luiz, Justino e Ludovina, todos crioulos.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar, para casa de um estrangeiro com familia: quem estiver nestas circumstancias e se quizer alugar, dirija-se á rua da Cruz do Recife, sobrado n. 1, ou annuncie sua morada para ser procurado.

— Para a padaria da rua larga do Rosario n. 48, precisa-se de um bom forneiro, forro ou captivo: a tratar na mesma.

— Roga-se ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Antonio o obsequio de fazer conter um homem morador em uma casa na rua Direita, com fundos para o pateo da Penha, que dizem estar doudo, e que com pedradas continuadamente traz as pessoas que por alli transitam, em sustos; tendo já algumas sido maltratadas com taes pedradas, e como hontem aconteceu a um carreiro que estava descarregando tijollos no fundo da casa de semelhante doudo.

— Sahindo a vender tapiocas a preta Joaquina no dia terça feira a tarde, não voltou mais; os signaes são os seguintes: baixa, magra, muito feia, com os pés grossos, tem andar como quem está passeando, já representa mais de 40 annos, e tem muitos cabellos brancos por junto da testa, tem as mãos que parecem inchadas e não as pode abrir bem, e por cima de cada dedo tem um callo, levou vestido de ganga azul já desbotado, e panno da Costa tambem velho; levou um taboleiro, e uma bandeja grande, faz um anno que ella veio de Pedras de Fogo, onde esteve fugida 6 mezes, e talvez se tenha encaminhado para as mesmas bandas, portanto se pede as autoridades policiaes e capitães de campo que a prendam e tragam na travessa da Trempe, n. 9, que será bem recompensado.

— Aluga-se um moleque para o serviço de uma casa: na rua Velha, na Boa-Vista, sobrado de um andar, esquina do becco de João Francisco.

— Por infinitas vezes tem-se rogado ao Sr. Baptista, que foi sargento do 5º batalhão de fuzileiros, hoje pertence ao 4º de caçadores, para apparecer na rua da Guia n. 9, não o fazendo publicar-se-ha o motivo porque se chama o mesmo Sr.

João Francisco de Souza.

— Aluga-se o sitio do Sr. Gadu, no Manguinho, tendo grande casa de sobrado, que acommoda uma grande familia, duas cacimbas d'agua de beber, e muitas fruteiras: quem o pretender, póde ir ve-lo, e para ajustar, dirija-se a rua da Cadeia do Recife, loja de ferragens de José Pires de Moraes.

— Na rua da Cruz n. 28, existe uma carta para o Sr. João José Gomes da Costa e Silva Filho.

— No botequim da rua Nova, precisa-se de um caixeiro.

— Ainda está por alugar o sobrado de Anecleto José de Mendonça, nos Coelhos, com grandes commodos: a tratar com o mesmo Mendonça, a qualquer hora do dia, na casa da balança nas Cinco Pontas.

— Quem annunciou alugar um preto, para ajudar outro na cozinha, ou para todo o serviço: dirija-se a rua do Rangel n. 21, que achará com quem ajustar fazendo conta as partes.

— Manoel Joaquim do Nascimento, morador em Apipucos, declara, que deixou de ter taberna desde o anno de 1851.

— Fugio um papagaio, no dia 5 de tarde, da rua das Larangeiras, levando uma corrente no pé: quem o pegou, ou delle souber, queira por favor dar parte, na rua do Cabugá, loja de ourives de Moreira & Duarte.

— Uma mulher branca, de meia idade, e de bons costumes, se offerece para ser ama de casa de homem solteiro, ou casado com pouca familia: na rua das Trincheiras n. 32.

— Desappareceu da cidade de Goianna, um menino de 12 annos, pardo, de nome Henrique, que sahindo da casa do mestre, disse que vinha para esta capital vêr sua mãi: pede-se por caridade a quem delle souber, que o leve a rua das Trincheiras, casa n. 8.

— Quem annunciou querer comprar uma corrente de relogio de ouro muito bom, e de lei, appareça na rua do Rangel n. 21, de manhãa antes das 10 horas ou meio dia, que achará com quem tratar.

— José Ribeiro Guimarães faz sciente ao publico que desde o dia 31 de agosto proximo passado, se ha desligado da firma social de João Jose de Medeiros Corrêa & Companhia, ficando a cargo e sob a responsabilidade dos socios restantes todo o activo e passivo da referida sociedade, cujo prazo do contrato findou em 30 de junho do corrente anno, retirando-se o annunciante com o que á parte respectiva lhe era devido por seus interesses sociaes. Parahiba 1. de setembro de 1853.—*José Ribeiro Guimarães.*

— Precisa-se de um caixeiro para bilhar, e que este dê conhecimento de sua conducta: no café dos arcos, junto ao theatro Velho.

— Precisa-se alugar uma negra captiva, que saiba fazer o serviço de uma casa de pouca familia: quem tiver annuncie. Paga-se 12$000 rs. mensalmente.

— Sexta-feira, 9 do corrente, depois da audiencia do Sr. Dr. juiz de direito do civel da primeira vara, escrivão Santos, irão a praça varias obras de prata e ouro, para serem arrematadas por execução de Linmer Ramm & Companhia, em liquidação contra Luiz Francisco Correa Gomes de Almeida; he a ultima praça.

— Manoel Pereira Magalhães, solicitador dos auditorios desta cidade, provisionado vitaliciamente por carta imperial, avisa ao respeitavel publico e especialmente aos seus amigos e constituintes, que mudou sua residencia do aterro da Boa-Vista para a rua do Collegio n. 10, segundo andar, onde poderá ser procurado até as 9 horas da manhãa, e a tarde das 3 horas em diante.

— Precisa-se de um pequeno para caixeiro de taberna, com pratica ou sem ella, preferindo-se dos chegados ha pouco do Porto: na rua da Roda n. 52, se dirá quem precisa.

— O bacharel formado Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque, continua a advogar no crime e civel desta cidade: pode ser procurado no pateo de S. Pedro n. 2.

— Aluga-se uma olaria, que não seja muito distante da praça, e se tiver barro melhor, que sirva para toda a qualidade de obra: quem quizer alugar, annuncie, ou dirija-se a rua da Cruz n. 25, segundo andar.

— Dá-se até a quantia de 500$000 rs. a juros, com boas firmas, ou com hypotheca em casas terreas: na rua Nova, loja n. 12, se dirá quem dá.

— Precisa-se de uma ama de leite forra ou captiva: na rua da Florentina n. 8.

— Precisa-se de um caixeiro, para o balcão de uma padaria, que tenha pratica deste negocio: aquelle que estiver nas circumstancias, e afiançar a sua capacidade, póde dirigir-se a rua larga do Rosario, padaria n. 18, que achará com quem tratar.

— O Sr. Manoel Moreira da Rosa, tenha a bondade de vir pagar a quantia de 20$150 rs. que deve em parte de bilhetes de loteria, na rua do Queimado, n. 49. — *Antonio José de Azevedo.*

— O Sr. Francisco de Amorim Lima, morador em Santo-Antão, haja de vir pagar a quantia de 67$ rs. que he devedor, na rua do Queimado, n. 47. — *Antonio José de Azevedo.*

— O Sr. J. V. O. M., tenha a bondade de vir pagar na rua do Queimado, n. 49, a quantia de que não ignora, do contrario seu nome será publicado por extenso. — *Antonio José de Azevedo.*

— Uma mulher branca se offerece para ser ama de casa de homem solteiro, de qualquer nação, ou casa de pouca familia: as pessoas que a pretenderem, dirijam-se a travessa de S. Pedro, casa n. 5, que acharão com quem tratar.

Loteria do Rio de Janeiro.

No dia 27 de agosto, deviam correr as rodas da loteria 18. concedida a beneficio das matrizes da provincia; até 7 do corrente mez de setembro, devem correr as rodas da loteria 4. do Estado Sanitario. Esperamos as listas de ambas estas loterias, no dia 16 do corrente, se fôr o vapor Guanabara, que vier daquella capital, como suppomos: os premios serão pagos logo que se fizer a distribuição das listas.

— Ha grande interesse em descobrir-se nesta cidade uma pessoa que entenda da escriptura arabe, chineza ou hebraica, ou mesmo da de alguma das linguas que se fallam na Africa central e meridional: quem portanto poder e quizer informar a respeito, dirija-se á praça da Independencia ns. 6 e 8.

Pontifical no Livramento.

A mesa regedora da irmandade de N. S. do Livramento tem de fazer a sua festa no dia 11 do corrente, a qual tem de principiar ás 10 horas em ponto, e a missa he Pontifical.

— Na rua de Apollo, armazem n. 2 B, existe para se trocar uma perfeita imagem da Senhora da Conceição, vinda de Lisboa.

— Precisa-se de um feitor portuguez, que saiba plantar bem um sitio, de todas as plantas e verduras, etc.: a tratar na rua larga do Rosario, loja de miudezas n. 26.

— Aluga-se uma casa de 2 andares, com bastantes commodos, ou de um andar e sotão, nos bairros da Boa Vista, Santo Antonio, e S. José: a pessoa que tiver, dirija-se a rua larga do Rosario, loja n. 26, que se dirá quem precisa.

— Antonio Luiz da Silva, subdito portuguez, retira-se para o Rio de Janeiro.

— Precisa-se de uma pessoa, que preste fiança de sua conducta, para tomar conta de uma boceta de fazenda: no aterro da Boa Vista n. 26; na mesma casa precisa-se de uma ama, que saiba engommar e cozinhar.

— Precisa-se de uma ama, forra ou escrava, ou mesmo preto, que saiba cozinhar: na rua do Padre Floriano n. 5.

— O abaixo assignado, tendo de fazer uma viagem a Portugal, a tratar de sua saude, até principios do anno proximo futuro, roga encarecidamente a todas as pessoas que lhe são devedoras, hajam de lhe satisfazer seus debitos até o dia 15 de novembro proximo futuro, e do contrario usará dos meios da lei, isto para tambem poder satisfazer a quem deve.

Francisco Antonio Pereira Braga.

— O Sr. Mazael Allodio de Figueiredo tenha a bondade de mandar ou ir pagar a quantia de 23$300 rs. que he devedor na rua do Queimado n. 49, do contrario se publicará o meio por que foi contrahida esta divida.—*Antonio José de Azevedo.*

— Aluga-se o segundo andar da casa n. 8, na rua da Aurora, que tendo sido arrendado pelo Sr. Fonton, para o Sr. Corbet, de Londres, este mandou aviso de não vir, e por isso correndo está por sua conta até novo arrendamento: quem o pretender, entenda-se com o Illm. Sr. João Pinto de Lemos Junior, morador no primeiro andar da mesma casa.

— Deseja-se engajar com alguns hoteis, botiquins e casas de pasto, a dar-lhe a quantidade de leite que precisarem para seus estabelecimentos, garantindo-se a pureza; podendo vir para este fim em flandres fechados com cadeados, que se mandarão fazer de proposito para este fim: a tratar na travessa do Queimado n. 3.

— Na rua da Soledade n. 70, ao pé da Trempe, continuadamente se está recebendo de França, Rio de Janeiro e Portugal, não só muitas variedades de dalias, como tambem roseiras novas, e promette-se continuar; por isso, este he o ultimo lugar aonde já se dispõem muitas dellas, e por preços razoaveis; assim como tambem ha outras variedades de flores e arvores de fructo. Este estabelecimento he de pouco tempo, porém nesta cidade não ha igual.

— Precisa-se de uma cozinheira forra: na rua da Cadeia de S. Antonio n. 14, no segundo andar do sobrado da esquina.

— Na rua da Aurora, na cidade Nova, ha para alugar uma casa terrea, com 5 salas, sotão, 13 quartos, cozinha fóra, e bom quintal murado, quem a pretender, dirija-se ao seu proprietario Antonio José Gomes do Correio, para tratar do ajuste.

— Lava-se e engomma-se com asseio e perfeição: no pateo da Ribeira de S. José n. 15.

— Aluga-se uma casa terrea, na travessa do Luna, com 4 quartos, 4 salas, cozinha fóra, quintal murado com portão, cacimba propria, e no fundo do quintal um sobradinho; quem pretender, dirija-se á rua do Collegio n. 10, segundo andar, até ás 9 horas da manhãa, e a tarde das 3 horas em diante.

— Desappareceu no dia 5 do corrente, indo á rua do Livramento, o menor de nome Urbano Leoncio, livre, com os signaes seguintes: cor parda escura, calça preta, camisa de chita rôxa, jaqueta de ganga amarella, bonete de oleado,e calçado: roga-se as autoridades policiaes ou qualquer pessoa que o encontrar, hajam de levar a casa n. 100 da rua da Gloria, onde reside o mesmo menor.

— Da-se 500$000 rs. a juros sob penhores de ouro ou prata, e boas firmas da praça, a 2 por cento ao mez: quem pretender, annuncie para ser procurado.

— Precisa-se de um menino de 12 a 13 annos, com pratica ou sem ella, para estar em companhia de outrem, preferindo-se brasileiro: na taberna sita na rua de Santo Amaro n. 28.

— O abaixo assignado declara, que havendo-se propalado por esta cidade, que elle he proprietario abastado e forte capitalista, e que possue além de muito metal sonante,joias, etc., quatro propriedades nesta cidade (provera a Deos que assim fosse) *faz ver* ao publico, que o unico bem de raiz de sua propriedade nesta cidade e provincia e fóra della, he a casa terrea da rua Augusta n. 6, a qual está hypothecada ao Sr. José Ignacio de Loyola pela quantia de 1:200$000 rs. que tomou ao dito senhor para fazer uma viagem a Europa, a tratar de sua saude bastante compromettida, e que além disto nada mais possue além de sua loja de chapeos, na cidade de Goianna. O abaixo assignado autorisa a quem quer que for, que além dos bens que acaba de declarar lhe pertencerem,a tomar para si outros quaesquer que conste o abaixo assignado possuir. Se o mesmo,negociando ha 10 annos licitamente, como prova com todos os documentos de pessoas com quem teve e tem transacções, não póde possuir legalmente uma casa que comprou por 1:000$000 de rs., e uma pequena loja que terá de fundo ao muito de 800 a 900$000 rs.; o que se dirá daquelles que negociando nesta cidade tres a quatro annos, apresentam-se proprietarios de predios de grande valor, e capitalistas abastados? Se o abaixo assignado,com tão mesquinhos bens incorre nas suspeitas da policia, muito tem esta que fazer com os capitalistas de que acaba de fazer menção.

Antonio de Souza Marinho.

— Pede-se encarecidamente a quem possa dar noticias do reverendo padre Henrique Camillo de Mello Pacheco, chegado de Lisboa a esta cidade no mez de novembro, de 1807 e daqui sahido para a villa do Limoeiro para capellão de um senhor de engenho e mestre dos filhos do mesmo: quem delle souber, e der noticias exactas se ainda existe neste lugar, ou em outro qualquer, assim como se falleceu, isto a bem de pessoas interessantes nestes esclarecimentos; dirijam-se ao escriptorio de Oliveira Irmãos & Companhia, rua de Apollo n. 14.

— No dia 1. do presente mez de setembro, desappareceu do poder de sua senhora, a escrava Benedita, a qual tem os signaes seguintes: crioula fula, que parece cabra, cabellos carapinhados, estatura mediana, falla branda e risonha, andar mitido, tem um defeito em um dedo de uma das mãos causado por um panaricio,costuma andar de vestido,chales e calçada; suppõe-se ter fugido para Maceió ou Garanhuns; foi comprada ao Sr. Fonseca, que mora na rua Direita, casa n. 3, tem mais alem dos signaes acima ditos,os olhos um pouco empapussados: roga-se pois as autoridades policiaes, e aos capitães de campo de capturarem a referida escrava, e de entregarem a dita sua senhora viuva de Antonio Francisco dos Santos Braga, moradora na rua da Cadeia do bairro de S. Antonio, casa n. 23, que serão mui bem recompensados.

— Precisa-se de uma ama de leite: na rua do Brum n. 20, segundo andar.

— Antonio José de Siqueira embarca para o Rio de Janeiro o seu escravo, mulato, de nome Joaquim.

COMPRAS.

— Compra-se todo o travejamento para a coberta do Hospital Pedro II: a tratar com o director Antonio José Gomes do Correio.

— Compra-se bronze, e cobre velho: no armazem de maçames de Manoel Ignacio de Oliveira Braga, rua do Vigario n. 1.

— Compra-se uma cadeia de relogio, sendo de ouro bom: quem a tiver dirija-se a esta typ., ou na rua do Padre Floriano, n. 27, que achará com quem tratar.

— Compra-se uma preta que saiba cozinhar, engommar, ensaboar bem, mas que não tenha vicios nem achaques, e seja de boa conducta: na rua da Roda n. 52.

— Compra-se uma porção de taboado de assoalho com uso: se alguem tiver, dirija-se ao aterro da Boa-Vista n. 60.

— Compram-se escravos, pagam-se bem agradando; e recebem-se de commissão tanto para a provincia como para fóra della: na rua da Gloria n. 7.

— Compra-se qualquer peça velha de metal chamado do principe, preferindo-se o que seja mais claro: na rua do Collegio n. 25, taberna do Fontes.

— Compram-se escravos, e vendem-se, recebem-se de commissaõ, tanto para a provincia como para fóra della; na rua dos Quarteis n. 24, segundo andar.

— Compra-se uma casa terrea sofrivel no bairro de S. Antonio ou S. José que tenha bom quintal, preferindo-se nas ruas Direita, Aguas-Verdes, Hortas, Camboa do Carmo, Flores e Cruzes: quem tiver annuncie por este *Diario*, ou dirija-se a rua da Viração, n. 9.

VENDAS

— Na rua do Queimado n. 28, primeiro andar, casa de Silva & Companhia, ha para vender,além de grande e variado sortimento de fazendas do melhor gosto, chapeos de palha finos, da Italia, de abas dobradas e singelas, tanto para homens como para meninos, sendo estes a preço de 2$500 e aquelles a 3$000 rs. cada um: na mesma casa vende-se tambem chocolate hamburguez o mais fino que he possivel, a preço de 1$000 rs. a libra.

— Vende-se um piano com excellentes vozes, e em muito bom estado: quem o quizer, dirija-se á rua da Saudade, casa, cujas venezianas são pintadas de branco, das 3 horas as 5 da tarde.

Zulmira.

Zulmira he uma fazenda de seda de um tecido e côres taes, que encanta a todas as pessoas que a vêem; serve para magestosos vestidos, para senhoras irem ao theatro, saraos, visitas etc. etc. etc., vende-se somente no grande estabelecimento de fazendas baratas da rua do Crespo, n. 11, e Collegio, n. 2, pelo baratissimo preço de 480 rs. o covado.

Fazendas baratas.

Vende-se vestidos brancos de cambraia, com barra de côres, ditos bordados, ditos de cassa pintados de uma a cinco ordens de babados, ditos lisos, ditos de salpicos, ditos rendados, ditos de cassa chita, cortes de chita de barra, chitas de côres fixas de 120 a 280 rs. o covado; manteletes pretos e de côres, a 12$ rs.; setim de côres, a 900 rs. o covado, chales de lãa e algodão, a 1$280 rs.; ditos de lãa e seda, a 2$240 rs.; ditos finos, a 3$000 rs.; lenços brancos com barra de cor para meninas, a 1$000 a duzia, e 100 rs. o lenço; ditos de cambraia para senhoras, a 360 rs., ditos rendados com bico, a 320, 400 rs., ditos bordados a retroz com bico, a 480 rs.; ditos de seda a 1$800, 2$240; meias para meninas de 5 a 12 annos de 240 a 400 rs.; ditas para senhoras de 3$000, 4$500 e 5$500 rs. a duzia; cassas de quadros e de listras para babados a 2$400 rs. a peça; cassa lisa de 480 a 720 rs. a vara, baetilha para coeiros, a 440 rs. o covado, damasco de lãa, a 900 rs.; e outras muitas fazendas que se venderão baratas, para adquirir freguezia: na rua Nova, loja nova, n. 16.

— Vende-se um cavallo gordo, e bonito, proprio para passar a festa, na cocheira do Pedro, em Fora de Portas.

—Na rua de Hortas n. 31, existem os seguintes generos, para se vender por menos preço do que em outra qualquer parte; azeite doce, a 560 rs. em garrafa; vinagre de Lisboa, a 160 rs., vinho branco, a 280 rs.; dito tinto, a 280 rs.; queijos novos, a 1$800 rs.; manteiga ingleza, a 560 rs.; genebra de Holanda, a 400 rs.; farinha do Maranhão, a 100 rs. a libra; sabão branco, a 240; banha, a 280 rs.; cerveja, a 480 rs.; cha hysson, a 2$240 rs.; erva-matte, a 240 rs.; alpista, a 120 rs.; aletria a 280 rs., e outros muitos generos que a vista dos freguezes se fará todo negocio: na mesma casa se vendem dous caixões para amostras.

— Vendem-se 5 escravos, sendo 2 pretos proprios para serviço de campo, um moleque, uma linda negrinha de 11 annos, e uma crioula de 18 annos, optima mucamba com habilidades, boa occasião para quem precisar: na rua da Gloria, n. 7.

Cobre para forro.

Vende-se cobre para forro, de differentes grossuras: na rua Nova n. 6, loja de ferragens.

— Vende-se, ou hypotheca-se, a casa sita na rua Imperial n. 218, vende-se em conta para se lindar o inventario: trata-se na mesma rua, casa n. 44.

Leite puro

Do dia 8 do corrente em diante, vende-se leite puro, a 200 rs. a garrafa, das 6 e 1½ horas da manhãa até as 7 e 1½: na rua Direita n. 76.

Cal virgem de Lisboa.

Ha para vender barris de cal nova, vinda de Lisboa na barca *Margarida*, he a mais nova que existe: na rua de Apollo n. 18, ou na praça do Commercio, escriptorio n. 6.

ROB LAFFECTEUR.

O unico autorisado por decisão do conselho real e decreto imperial.

Os medicos dos hospitaes recommendam o arrobe Laffecteuv, como sendo o unico autorisado pelo governo e pela Real Sociedade de Medicina. Este medicamento d'um gosto agradavel, e facil a tomar em secreto, está em uso na marinha real desde mais de 60 annos; cura radicalmente em pouco tempo, com pouca despeza, sem mercurio, as affecções da pelle, impingens, as consequencias das sarnas, ulceras, e os accidentes dos partos, da idade critica e da acrimonia hereditaria dos humores; convém aos catharros, da bexiga, as contracções, e á fraqueza dos orgãos, procedida do abuso das ingecções ou de sondas. Como anti-syphilitico, o arrobe cura em pouco tempo os fluxos recentes ou rebeldes, que volvem incessantes sem consequencia do emprego da copaiba, da cubeba, ou das injecções que representam o viros sem neutralisa-lo. O arrobe Laffecteuv he especialmente recommendado contra as doenças inveteradas ou rebeldes ao mercurio e ao iodureto de potasio. Vende-se em Lisbôa, na botica de Barral, e de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, praça de D. Pedro n. 88, onde acaba de chegar uma grande porção de garrafas grandes e pequenas, vindas directamente de Paris, de casa do Sr. Boyveau-Laffecteuv 12, rue Richev à Paris. Os formularios dam-se gratis em casa do agente Silva, na praça de D. Pedro n. 82. No Porto, em casa de Joaquim Araujo; na Bahia, Lima & Irmãos; em Pernambuco, Soum; Rio de Janeiro, Rocha & Filhos, el Moreira, loja de drogas; Villa-Nova, João Pereira de Magates Leite; Rio-Grande, Francisco de Paula Couto & C.

— Vende-se um engenho na freguezia de Ipojuca, o qual tem as melhores obras possiveis; he excellente d'agua, copeiro e muito bom de assucar, bom cercado todo de vallado, etc., e faz-se um negocio mui commodo: os pretendentes, dirijam-se ao escriptorio do Sr. commendador Manoel Gonçalves da Silva, a tratar com José Joaquim de Miranda.

— Vende-se um bonito sitio com casa nova, e bem plantado, no lugar da Capunga, por preço commodo: quem o pretender, dirija-se á rua Nova n. 11. que se dirá quem vende.

— Vende-se uma gargantilha de ouro de filagrana, obra muito rica, um par de brincos de s, quatro a cinco voltas de cordão fino, dous annelões, um com um diamante, uma moeda de 16$000 rs. encastoada, um dedal, tudo sem feitio; um par de castiçaes de prata, 7 colheres para chá, e uma de tirar assucar: quem pretender dirija-se a rua do Aragão n. 27.

— Vende-se um carro de engenho com quatro bois mansos, pertencentes ao mesmo carro; na cocheira de Joaquim Marques, na rua do Canno.

— Vende-se a barcaça *Conceição*, de lote de 30 caixas, prompta a seguir viagem para qualquer porto da provincia e fóra della, etc., á prazo com firma nesta praça: os pretendentes para verem e examinarem, defronte do caes do Ramos, aonde se acha fundeada, e para tratar, na rua larga do Rosario n. 18, junto ao quartel de policia.

— Vende-se excellente bolachinha para arranjo de familia, a 2$560 rs. a arroba, e de melhor qualidade, a 3$000 rs., e fina de 1.ª qualidade, a 3$520 rs.: na rua do quartel de policia, padaria n. 18.

Rua do Crespo n. 9.

Vendem-se cortes de casemira, a 3$000, 4$000, 5$000, e 6$000 rs.; panno preto fino, a 4$000 rs.; azul, a 5$000 rs., e verde escuro, a 5$500 rs.; adverte-se aos freguezes que he excellente fazenda.

Rua do Crespo n. 9.

Vendem-se cortes de cambraia aberta, brancas e de cores, a 3$000 rs.; chales de lãa e seda, muito finos e bonitos, a 2$000 rs.; cortes de fustão fino, para colletes, a 1$000 rs.; cortes de brim de linho de modernos padrões, a 2$000 rs.

— Vende-se uma balança com conchas, braço de ferro e 4 arrobas de peso, propria para armazem de carne secca, padaria ou refinação: na rua larga do Rosario n. 38, primeiro andar, se dirá quem vende.

Andar a moda com pouco dinheiro.

Na rua do Queimado, segunda, loja n. 18, vendem-se luvas de pellica preta para homem, senhoras e meninas, a 500 rs. o par.

— Vende-se um engenho livre e desembargado de qualquer onus, prompto de todo o necessario, com todas as obras precisas, de pedra, cal e barro, e todas em muito bom estado, distante desta cidade duas leguas e meia, móe com agua, e com muita abundancia d'ellas, boas terras de plantação, com soffriveis matas, optimo cercado, mui bem tratado: e convindo ao comprador, faz-se negocio igualmente com escravos, todo o gado de serviço, e de criar, carros e tudo o mais concernente ao dito engenho, e mesmo negocia-se a safra pendente, e a novamente principiada a plantar. Recebe-se por conta da compra alguns predios nesta cidade: quem pois lhe convier o referido negocio, annuncie por esta folha para ser pelo vendedor procurado, e tratar do ajuste.

VENEZIANAS.

Aterro da Boa-Vista n. 55.

Tem um sortimento de venezianas com fitas verdes de linho e de lãa, com caixa e sem ella, e se concerta e se troca as novas por velhas, a vontade do comprador.

— Vende-se 16 traves de 45 palmos de comprimento, e de qualidades escolhidas: no armazem da rua da Praia, n. 14.

BANHA FRANCEZA.

Vende-se banha franceza em latas de 2 a 3 libras cada uma, assim como a libra, meia libra e quartas, pelo diminuto preço de 1$000 rs., a libra: na rua do Queimado loja de miudezas n. 49, de Antonio José de Azevedo.

OLEO EXPRESSO DE BABOSA.

O mais excellente oleo que tem apparecido para impedir a queda dos cabellos e de criar caspa, refresca a cabeça e amacia muito o cabello: vende-se na rua da Cadeia do Recife, loja n. 9, preço de cada um vidro 800 rs.

— Vende-se muito superior farinha de Santa Catharina, e S. Matheus, medida a vista do comprador: a bordo do brigue brasileiro *Midas*, fundeado perto da Alfandega.

PAO' CRIOULO.

Na padaria da rua da Senzala Nova n. 30, e no deposito da rua do Rangel n. 13, acha-se a venda diariamente o bello pão crioulo, fabricado por celindro a moda do Rio de Janeiro, o qual além da superioridade ao pão commum tem a vantagem de ser isento de receber o mais pequeno golpe de suor do amassador, visto ser amassado por machina: nas mesmas casas acharão sempre as pessoas de bom gosto o seguinte:

Fatias da rainha por. . .	800
Idem idem imperiaes . .	800
Idem de familia	800
Araruta de ovos	640
Biscoito de amante. . . .	400
Araruta pura	400
Idem laranjas.	400
Bolachinha ingleza. . . .	200
Fatias doces	240
Biscoito doce.	240
Biscoitinhos	320

— Vendem-se relogios de ouro, patente inglez, os melhores que tem vindo a este mercado, e do mais acreditado fabricante de Liverpool: em casa de Russel Mellors & Companhia, na rua da Cadeia do Recife, n. 36.

— Vende-se um preto de todo serviço, bem comportado, por ordem de uma pessoa de fóra: no aterro da Boa Vista n. 60.

Cobertores escuros,

de algodão, a 800 rs.; ditos azues e encarnados, muito grandes e encorpados, a 1$400 rs.: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

— Vende-se vinho da Madeira de superior qualidade em quartos e oitavos de pipa, por preço commodo: no armazem de N. O. Bieber & Companhia na rua da Cruz n. 4.

A elles, que se estao' acabando.

Cobertores de tapete muito grandes, pelo diminuto preço de 1$400, ditos mais pequenos, a 800 rs., colchas de salpicos brancos, a 1$600, brim trançado escuro, de linho puro e muito fino, a 640 rs. a vara, chitas de assento escuro e bom panno, a 140 rs. o covado: na rua do Crespo, loja n. 6.

ANTIGUIDADE E SUPERIORIDADE DA

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

sobre

A SALSA PARRILHA DE SANDS.

Attençao'

A SALSA PARRILHA DE BRISTOL data desde 1832, e tem constantemente mantido a sua *reputação* sem necessidade de recorrer a pomposos annuncios, de que as preparações de merito podem dispensar-se. O successo do Dr. BRISTOL tem provocado infinitas invejas, e, entre outras, as dos Srs. A. R. D. Sands, de New-York, preparadores e proprietarios da salsa parrilha conhecida pelo nome de Sands.

Estes senhores solicitaram a agencia de Salsa parrilha de Bristol, e como não o podessem obter, fabricaram uma *imitação* de Bristol.

Eis-aqui a carta que os Srs. A. R. D. Sands escreveram ao Dr. Bristol no dia 20 de abril de 1842, e que se acha em nosso poder:

Sr. Dr. C. C. Bristol.

Bufalo, &c.

Nosso apreciavel senhor.

Em todo o anno passado temos vendido *quantidades* consideraveis do extracto de Salsa parrilha de Vmc., e pelo que ouvimos dizer de suas *virtudes* aquelles que a tem usado, julgamos que a venda da dita medicina se augmentará *muitissimo*. Se Vmc. quizer fazer um *convenio* comnosco, cremos que nos resultaria muita vantagem, tanto a nós como a Vmc. Temos muito prazer que Vmc. nos responda sobre este assumpto, e se Vmc. vier a esta cidade daqui a um mez, ou cousa semelhante, teriamos muito prazer em o ver em nossa botica, rua de Fulton, n. 79.

Ficam ás ordens de Vmc. seus seguros servidores.

(Assignados) A. R. D. SÁNDS.

CONCLUSAO'.

1.º A antiguidade da salsa parrilha de Bristol he claramente provada, pois que ella data desde 1832, e que a de Sands só appareceu em 1842, época na qual este droguista não póde obter a agencia do Dr. Bristol.

2.º A superioridade da salsa parrilha de Bristol he incontestavel; pois que não obstante a concurrencia da de Sands, e de uma porção de outras preparações, ella tem mantido a sua reputação em quasi toda a America.

As numerosas experiencias feitas com o uso da salsa parrilha em todas as enfermidades originadas pela impureza do sangue, e o bom exito obtido nesta côrte pelo Illm. Sr. Dr. Sigaud, presidente da academia imperial de medicina, pelo illustrado Sr. Dr. Antonio José Peixoto em sua clinica, e em sua afamada casa de saude na Gambôa, pelo Illm. Sr. Dr. Saturnino de Oliveira, medico do exercito, e por varios outros medicos, permittem hoje de proclamar altamente as virtudes efficazes da salsa parrilha de Bristol vende-se a 5$000 o vidro.

O deposito desta salsa mudou-se para a botica franceza da rua da Cruz, em frente ao chafariz.

DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

Cunha & Amorim, receberam pelo ultimo navio de Lisboa barris com 4 ¼ de superior cal em pedra para o fabrico de assucar, e vendem por menos que em outra qualquer parte; e para fechamento de contas um restante de potassa americana: na rua da Cadeia do Recife n. 50.

— Vende-se a verdadeira salsa parrilha de Sands: na botica franceza, da rua da Cruz, em frente ao chafariz.

500,000 RS.

Vende-se por 500$000 rs., uma typographia com mais de 700 ¼ de typos muito bem sortidos, e um bom prélo de ferro e pao: a quem convier dirija-se a rua das Cruzes n. 28, segundo andar.

— Vendem-se em casa de Mc. Calmont & Companhia, na praça do Corpo Santo n. 11, o seguinte: vinho de Marseille em caixas de 3 a 6 duzias, linhas em novellos e carreteis, breu em barricas muito grandes, aço de milaõ sortido, ferro inglez.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de empregá-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz, n. 4.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ha para vender, farello muito novo chegado pela barca *Gratidão*, por preço commodo, e juntamente nova cal virgem de Lisbôa.

ARADOS DE FERRO.

Na fundiçao' de C. Starr. & C. em Santo Amaro acha-se para vender arados de ferro de superior qualidade.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores.

Ao bello madamismo pernambucano.

Vendem-se riquissimos pentes de tartaruga para prender cabellos, dos melhores que tem vindo a este mercado pelo diminuto preço de 5$500: na rua do Queimado novas loja de miudezas, n. 57, de Affonso Pedroso do Amaral Brandão.

— Vende-se uma negrinha de 9 annos, sem o menor defeito: quem tiver vontade de fazer um presente á alguma menina oproveite á occasião, porque he muito custoso encontrar-se uma peça tão linda: na rua das Larangeiras n. 14, segundo andar.

Redes alcochoadas de côr

muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, lo a da esquina que volta para a Cadeia.

TRIESTE--SSSF.

He recenchegado um carregamento da verdadeira farinha de SSS raminho, e vende-se por modico preço; no escriptorio de Deane Youle & Companhia, ou nos seus armazens no becco do Gonçalves.

DOCE DE BACORY.

Chegou recentemente do Maranhão uma pequena porção deste delicado doce, o melhor que ha, tanto pela sua excellente qualidade, como por conservar-se por muito tempo em perfeito estado: vende-se em casa de Fonte & Irmão, na rua da Cadeia Velha.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmont & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor, com força de 4 cavallos, côcos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, escovens para navios, ferro da Suecia, e folhas de flandres; tudo por barato preço.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodaõ trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

— Vende-se presuntos inglezes muito novos para fiambre, latas com bolachinhas de soda ingleza, queijos de prato, conservas muito novas, sementes de todas as qualidades de hortalice, chegadas ultimamente: na rua da Cruz n. 46, defronte do Sr. Dr. Cosme.

Farinha de mandioca,

a mais superior, que ha em Pernambuco, a bordo do brigue *Minerva*, chegado de Santa Catharina, fundeado na praia do Collegio, ahi vende-se á preço commodo, e tambem trata-se do ajuste da mesma, na praça do Corpo Santo, escriptorio n. 6.

A 3,600 o par.

Continua-se a vender sapatões de lustre para homem, obra muito boa, a 3$600 o par, dinheiro á vista: no aterro da Boa-Vista, loja de calçado n. 58, junto ao selleiro.

Carne.

Vendem-se pacotes, cada um com quatro arrobas de muito boa carne, vinda da provincia do Ceará, propria para escravos, pelo barato preço de 1$000 rs. a arroba: na rua do Queimado n. 14.

Cal virgem.

Na rua de Apollo, armazem n. 2 B, existem poucos barris, com superior cal em pedra, chegada de Lisboa, ha poucos dias, na barca Margarida.

Sebo refinado

Vende-se no deposito de carnauba, rua da Cruz n. 19.

Sapotis

Vendem-se os melhores sapotis que ha na provincia, tanto para embarque como para mesa, assim como pés dos mesmos para plantar, e enxertos de laranja de umbigo, assim como abobras carneiras muito grandes: no sitio da Trempe, sobrado n. 1, que tem taberna por baixo.

Attençao' ao barateiro.

Na rua do Queimado nova loja de miudezas, n. 57, de Affonso Pedroso do Amaral Brandão, vende-se luvas de pellica de ponto inglez para homem e senhora, pelo diminuto preço de 1$000 o par; ditas de seda trançadas de cores,para homem e senhora a 1$600 e 1$800; ditas brancas de torçal o mais delicado possivel, a 1$600 o par; ditas de torçal pretas para senhora e meninas de qualquer tamanho; muito lindos e delicados chapéos de sol de seda pelo diminuto preço de 8$ cada um; e outras muitas miudezas que se vendem muito barato a dinheiro á vista, sómente para adquirir freguezia.

— Vendem-se pianos fortes de superior qualidade, fabricados pelo melhor autor hamburguez: na rua da Cruz n. 4.

Gesso.

Vende-se gesso em barricas, chegado ultimamnete: em casa J. Keller & Companhia, na rua da Cruz n. 55.

FARELOS.

Vende-se no armazem do Sr. Annes, farelo em saccas de 3 arrobas, por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vinhos superiores de Bucellas (branco) e de Colares (tinto) em barris de quinto: vendem-se em casa de J. Keller & C.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixas de capim, na fundiçaõ de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

POTASSA SUPERIOR

— Vende-se por preço muito commodo, no armazem n. 7 de caes da alfandega, de José Joaquim Pereira de Mello, ou no escriptorio de Novaes & Companhia na rua do Trapiche n. 34.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

VINHO DO PORTO MUITO FINO.

Vende-se superior vinho do Porto, em barris de 4., 5. e 8.: no armazem da rua do Azeite de Peixe n. 14, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 34.

— No armazem da travessa da Madre de Deos n. 9, e no armazem de José Joaquim Pereira de Mello, no caes da Alfandega, vende-se farinha de mandioca de superior qualidade.

CAL VIRGEM E POTASSA.

Vende-se potassa da Russia e Americana, cal nova em pedra, vinda agora na barca Gratidão, tudo da melhor qualidade, que tem vindo ao mercado e por commodo preço: na rua do Trapiche n. 17, armazem de José Teixeira Basto.

— Vendem-se lonas, brinzaõ, brins e meias lonas da Russia: no armazem de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz n. 4.

FUNDIÇÃO DE FERRO DA RUA DO BRUM

DAVID WILLIAM BOWMAN, engenheiro machinista e fundidor de ferro, mui respeitosamente annuncia aos senhores proprietarios de engenhos, fazendeiros, e ao respeitavel publico, que o seu estabelecimento de ferro movido por machina de vapor, na rua do Brum passando o chafariz, continúa em effectivo exercicio, e se acha completamente montado com apparelhos da primeira qualidade para a perfeita confecçaõ das maiores peças de machinismo.

Habilitado para emprehender quaesquer obras da sua arte, David William Bowman, deseja mais particularmente chamar a attençaõ publica para as seguintes, por ter dellas grande sortimento ja' prompto, em deposito na mesma fundiçaõ, as quaes construidas em sua fabrica podem competir com as fabricadas em paiz estrangeiro, tanto em preço como em qualidade de materias primas e maõ de obra, a saber:

Machinas de vapor da melhor construçaõ.
Moendas de canna para engenhos de todos os tamanhos, movidas a vapor por agua, ou animaes.
Rodas de agua, moinhos de vento e serras.
Manejos independentes para cavallos.
Rodas dentadas.
Aguilhões, bronzes e chumaceiras.
Cavilhões e parafusos de todos os tamanhos.
Taixas, parões, crivos e bocas de fornalha.
Moinhos de mandioca, movidos a maõ ou por animaes, e prensas para a dita.
Chapas de fogaõ e fornos de farinha.
Canos de ferro, torneiras de ferro e de bronze.
Bombas para cacimba e de repuxo, movidas a maõ, por animaes ou vento.
Guindastes, guinchos e macacos.
Prensas hydraulicas e de parafuso.
Ferragens para navios, carros e obras publicas.
Columnas, varandas, grades e portões.
Prensas de copiar cartas e sellar.
Camas, carros de maõ e arados de ferro, etc., etc.

Além da superioridade das suas obras, ja' geralmente reconhecida, David William Bowman garante a mais exacta conformidade com os moldes e desenhos remettidos pelos senhores que se dignarem de fazer-lhe encommendas, aproveitando a occasiaõ para agradecer aos seus numerosos amigos e freguezes a preferencia com que tem sido por elles honrado, e assegura-lhes que naõ poupara esforços e diligencias para continuar a merecer a sua confiança.

— Vendem-se toalhas de panno de linho do Porto, para rosto, o melhor que tem vindo ao mercado, a 1$000 rs. cada uma: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

GANTOIS PAILHETE & COMPANHIA.

Continua-se a vender no deposito geral da rua da Cruz n. 52, o excellente e bem conceituado rapé areia preta da fabrica de Gantois Pailhete & Companhia, da Bahia, em grandes e pequenas porções, pelo preço estabelecido.

Grande sortimento de pannos finos e casemiras.

Na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia, vende-se panno preto, a 3$000 e 3$200 rs.; de ourelo branca, a 3$500 rs.; dito francez, a 4$500 e 5$000 rs., e muito superior, a 6$000 rs. o covado; dito azul, a 2$800, 3$200 e 4$000 rs., e muito bom, a 5$500 rs.; dito verde, 2$800 e 4$000 rs.; cortes de casemira preta infestada, a 5$500 e 6$000 rs.; dita franceza e de côr de todas as qualidades, por preço commodo.

— Vendem-se relogios de ouro, patente inglez, por commodo preço: na rua da Cruz n. 20, casa de L. Leconte Ferou & Companhia.

Pannos finos e casemiras

Vende-se panno fino preto, superior, a 3$200, dito francez muito fino, a 5$500, casemira preta setim, muito superior, a 3$800 o covado, dita franceza de cores do mais moderno gosto, a 5$500 o côrte, dita de algodão de quadros e de listras, a 1$600 o côrte, castores finos imitando casemira, a 1$440 o côrte, brim branco muito fino, de puro linho, a 1$200 a vara, dito de linho e algodão, a 560 a vara, dito de cores, de puro linho, a 800 rs. a vara, linho de quadros e mesclado para palitós e calças, a 320 o covado, colletes de fustão fino, a 1$000 rs., ditos muito finos, a 1$600, ditos de gurgurão de seda, fazenda de gosto, a 2$500, ditos muito finos, de superior qualidade, a 4$000 rs., ditos de setim preto macáo, a 3$200, ditos superior, a 4$500, camisas pintadas, a 2$000 rs., lenços de setim de cores para gravatas, a 1$600, ditos de seda para algibeira, a 1$800, ditos brancos com barra de côr, a 3$500 a duzia, e outras muitas fazendas de gosto, que se venderão baratas: na rua Nova, loja nova n. 16.

Ricos pentes de tartaruga.

Vendem-se muito lindos pentes de tartaruga, para segurar cabello, os mais modernos possiveis, pelo diminuto preço de 5$500 cada um: na rua do Queimado, loja de miudezas, n. 49, de Antonio José de Azevedo.

— Vende-se uma escrava da Costa, quitandeira, ensaboa, e engomma liso, muito robusta, e de bonita figura, ou troca-se por outra que engomme e cozinhe bem: quem quizer dirija-se a rua Augusta, n. 8.

— Vende-se o engenho Limeirinha, situado a margem do Tracunhãem, com seiscentas braças de testada, e uma legua de fundo, com as obras mais precisas, todas novas, e optima moenda com bons partidos, que com dois carros e quatro quartãos pode moêr até dois mil pães, o que he de grande vantagem para um principiante. He de optimo assucar, e de bôa producção, tanto de capna,como de legumes; vende-se com algum dinheiro a vista, e o mais a pagamento conforme se puder convencionar: os pretendentes dirijam-se ao engenho Tamataupe de Flores.

Ao madamismo.

Na rua do Queimado, loja de miudezas, n. 49, de Antonio José de Azevedo, vendem-se luvas de seda trançada para senhora menina e homem, assim como ditas enfeitadas, a 2$ rs. o par, ditas de torçal, brancas, muito delicadas, a 1$600 o par; pentes de tartaruga lisos para atar cabello, a 4$000 cada um; muito ricas fitas de seda, para cinteiro, um completo sortimento de perfumarias de todas as qualidades, e outras muitas cousas, mais barato do que em outra qualques parte.

— Vendem-se presuntos inglezes, chegados ultimamente: na rua larga do Rosario, taberna n. 46.

— Vende-se uma preta de boa figura, cozinha o diario de uma casa, he boa lavadeira, e quitandeira: na rua do Hospicio n. 15, se dirá quem he o vendedor.

— Vendem-se muito superiores linguiças de Lisboa, a 320 rs., amendoas descascadas, a 200 rs. a libra; manteiga ingleza, muito superior, a 560 rs. a libra; dita para tempero, a 240 rs., tudo isto do melhor que ha no mercado: na rua larga do Rosario, taberna de 4 portas n. 39, confronte a igreja.

— Vende-se uma escrava, de idade 30 annos para mais, engomma soffrivel, cozinha bem, refina assucar, faz algumas qualidades de doces, lava muito bem de sabão, e he boa quitandeira, por preço commodo, e a vista do comprador se dirá o motivo porque se vende: trata-se na rua de S. Miguel dos Afogados n. 27, das 3 horas da tarde em diante.

— Vende-se um cavallo castanho, de primeira muda, anda baixo a meio: na rua Nova, n. 16.

Lenços para meninas.

Vendem-se lenços de cassa com barra para meninas, a 1$000 rs. a duzia, e 100 rs. o lenço: na rua Nova, n. 16.

Manteletes, a 12,000 rs.

Vendem-se manteletes de seda, pretos e de côres, pelo barato preço de 12$000: na rua Nova, loja nova, n. 16.

Cortes de colletes.

Vendem-se cortes de colletes de fustão de côres, a 1$000: ditos de bonitos padrões, a 1$600; ditos de gorgurão de seda, fazenda de gosto, a 2$500 rs.; ditos de setim de côres, a 4$ rs.; ditos de setim preto Macau, a 3$500; e de outras qualidades e preço: na rua Nova, loja nova, n. 24.

— Vende-se um cavallo rodado, que está iguatando, anda baixo a meio: na rua Nova, n. 24.

Ao modernismo.

Vendem-se chapeos de sol de seda de côres, os melhores que tem vindo a este mercado, com cabo e ponteira de marfim, proprios para passeio: na rua do Queimado, loja de miudezas, n. 49, de Antonio José de Azevedo.

Attençao' ao barato, na rua do Crespo n. 14, loja de José Francisco Dias.

Vendem-se chitas escuras bons pannos, côres muito fixas, a 160 rs., brins brancos trançados superior fazenda, quasi todo linho, a 1$280 rs. o côrte.

12,000 rs. a duzia.

Superiores toalhas de panno de linho do Porto com 1 vara ⅓ de comprido, proprias para limpar o rosto, pelo diminuto preço de 12$000 a duzia: na loja da rua do Crespo n. 6.

Cera de carnauba.

Continua-se a vender a mais superior cera de carnaúba, que ha neste mercado, em porção e a retalho: no armazem da rua da Cruz confronte o chafariz n. 19.

FUNDIÇAÕ D'AURORA

C. STARR & C.

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continua a fabricar com a maior perfeição e promptidão,toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha, um

DEPOSITO DE MACHINAS

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) de que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fórmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que seria enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se comprommettem a fazer executar, com a maior presteza, perfeição, e exacta conformidade com os modelos ou desenhos, e instrucções que lhe forem fornecidas.

Brim trançado amarello de puro linho, a 1,440 rs. o corte,

vende-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

— Vende-se superior cal de Lisboa, por preço rasoavel: na rua do Vigario, armazem n. 7.

— Vende-se o mais superior chocolate francez que tem vindo, e diversas qualidades de conservas alimentares, muito boas para sopa e mais proprias para embarcadiços: na rua da Cruz do Recife, armazem n. 62. No mesmo armazem tambem se vende muito boa colla do Rio Grande.

Vapores.

Papel paquete, liso e pautado proprio para poupar portes de cartas, assim como papel marlim, proprio para requerimento e repartições publicas, por preços commodos: na loja de ferragens da rua da Cadeia do Recife, n. 56,-A- de Vidal.

— Vende-se um moleque muito sadio, com 13 annos de idade, e uma negrinha de 7 annos: a tratar na rua larga do Rosario, no terceiro andar por cima da botica do Sr. Bartholomeu.

— No engenho Tiriri da comarca do Cabo, ha para vender grande quantidade de madeira, de excellentes qualidades, tanto para construcção de casas, como para estivado de pontes; assim como ha muita propria para curraes de peixe; as matas são todas muito perto do embarque, e vende-se por preço commodo: trata-se no mesmo engenho com José Xavier Carneiro.

Rua Nova n. 6, loja de ferragens.

Neste estabelecimento continua-se a vender por commodo preço differentes objectos de ferragens, como sejam: enxadas portuguezas, ditas calçadas de aço, ditas inglezas, machados do Porto, pás de ferro de todos os tamanhos, fechaduras e dobradiças de diversas qualidades, serrotes de todos os tamanhos, chapas para fogão, de 3 a 8 buracos, tanto quadradas como compridas, ferro em barra de todas as larguras, grosuras e qualidades, folha de ferro de 6 e 24, e além de outros muitos objectos de ferragens, tambem se vendem diversas obras de cobre, como sejam; taixas, repartideiras,pongas e espumadeiras, tudo de cobre, espumadeira de folha, cocos de dito, cobres em lençol, e outras diversas ferragens que, á vista do comprador.

— Vende-se uma escrava de nação, com algumas habilidades: na rua larga do Rosario n. 11, das 6 as 9 da manhãa, e do meio dia até as 4 horas da tarde.

Pennas de ema.

Vendem-se na rua da Cruz, confronte do chafariz n. 19.

Aos senhores academicos.

Vendem-se luvas pretas de pellica de superior qualidade, muito nova, pelo diminuto preço de 1$400 o par: na rua do Queimado nova loja de miudezas, n. 57, de Affonso Pedroso do Amaral Brandão.

— Rothe & Bidoulac, na rua do Trapiche n. 12, ainda tem mais tres pianos de optimo tom, para venderem-se.

Arados de ferro.

Vendem-se arados de ferro, por preço commodo, para fechar contas: em casa de Rothe & Bidoulac: na rua do Trapiche n. 12.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundiçao' d'Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum logo na entrada, e defronte do Arsenal de Marinha ha' sempre um grande sortimento de taichas tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas, e fundas; e em ambos os logares existem quindastes, para carregar canoas, ou carros livres de despeza. Os preços sao' os mais commodos.

Vende-se um par de bancas de abrir, de jacaranda', obra bem acabada, e que não he foleada: na rua de Hortas n. 62, casa terrea que tem a frente pintada de azul, e portadas brancas.

Attençao'.

No armazem n. 7, defronte da Alfandega de José Joaquim Pereira de Mello, vende-se superior farinha de mandioca, muito em conta; assim como feijão mulatinho, muito novo, e por preço commodo.

RAPÉ PRINCEZA DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife, loja de fazendas de João da Cunha de Magalhães, vende-se a excellente pitada deste rapé, o mais fresco que tem vindo pela galera *Margarida*.

Calçado francez barato.

No aterro da Boa-Vista, loja de calçado n. 58, junto ao selleiro, vende-se o seguinte calçado francez, a dinheiro á vista, pelos preços abaixo, e recommenda-se as pessoas que virem este annuncio, que venham examinar o calçado, pois não deixarão de comprar.

Botins de bezerro, par	7$000
Sapatões de lustre, par	4$600
Ditos da Russia, par.	6$000
Borzeguins elasticos, par.	7$200
Ditos com botões, par.	7$000
Sapatos para dansa, par.	3$200
Ditos com salto, par.	4$500
Sapatões para menino, par . . .	4$000

— Vende-se mais uma boa escrava moça, que engomma e cozinha o diario de uma casa, assim como vende-se quatro escravos moços que servem para todo o serviço: na rua das Larangeiras, n. 14, segundo andar.

Deposito de potassa.

Na rua de Apollo, armazem de Leão Reis, existe superior potassa do Rio de Janeiro; assim como da America, a preço razoavel.

A 1,280 o par.

Sapatos francezes de couro de lustre para senhora, a 1$280 rs. o par: no aterro da Boa-Vista, loja de calçado n. 58, junto ao selleiro.

Sortimento de perfumaria.

No aterro da Boa-Vista, loja de calçado n. 58 junto ao selleiro, acha-se a venda um completo sortimento de perfumaria, a saber: agua de Colonia do melhor autor, pathchouli, lavande, banha em jarros de crystal e diversos vidros e gostosos sabonetes, extractos finos, oleo para cabello, macassar, caixinhas com perfumaria, guarnecidas de flores, a 1$280 rs. e outros muitos objectos que tudo se venderá barato, a dinheiro.

Parece tartaruga.

No aterro da Boa-Vista, loja n. 58, junto ao selleiro, vendem-se pentes para segurar cabello, imitação de tartaruga, a 1$000 e 1$600 rs.; estes pentes são tão bem trabalhados, que não fazem differença do melhor pente de tartaruga.

— Vende-se em casa de S. P. Johnston & Companhia, na rua da Senzala Nova n. 42.
Vinho do Porto, superior qualidade, engarrafado.
Vinho Chery, em barris de quarto.
Sellins para montaria, de homem e senhora.
Vaquetas de lustre para coberta de carros.
Relogios de ouro patente inglez.

— Vende-se o verdadeiro vinho Bordeaux, em barris, champagne do melhor qualidade, em gigos, licores de Absinth e Kirssh; tudo vende-se pelo mais barato preço possivel: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Do engenho de S. Amarinho, freguezia da Varzea, desappareceu na segunda feira 22 do corrente o escravo Bernardo, com os signaes seguintes: altura regular, representa 20 a 22 annos, bem preto e bem feito, cara talhada, dentes bonitos, bem alvos, e os da frente pouco abertos; leve em um dedo da mão esquerda, um panaricio, do qual resultou o não poder abrir o mesmo dedo: quem o pegar, leve ao sobredito engenho, que será bem pago do seu trabalho.

— Desappareceu da rua da Cadeia do bairro de Santo Antonio n. 10, defronte do theatro velho, a escrava Thereza, preta, de nação Cabinda, baixa, grossa, beiços salientes, e calcanhares rachados; tem 30 annos de idade, pouco mais ou menos, e cicatriz em fórma de talho, no rosto ao pé do ouvido: levou vestido de chita amarella e roxa, panno da Costa, e em um dos pés um pedaço de corrente de que se desprendêra: quem a apprehender e entregar na dita casa, será recompensado.

— Ainda continua estar fugido,desde 15 de março do corrente anno, do engenho de Santo Amarinho, freguezia da Varzea, o escravo Silvano com os signaes seguintes: levou camisa e ceroula de algodão da terra, representa ter 20 annos de idade, cara um pouco larga e talhada, altura regular, não falla desembaraçado, he alguma cousa fula e tem todos os dentes: quem o pegar leve ao mencionado engenho, que será bem recompensado de seu trabalho.

Pern.: — Typ. de M. F. de Faria. — 1853.